

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**A Concepção de Diabo nas Cartas
Jesuíticas
(1540-1568)**

Janaína Giusti Barbosa

PIRACICABA, SP
2006

**A concepção de Diabo nas Cartas
Jesuíticas
(1549-1568)**

Janaína Giusti Barbosa
ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ MARIA DE PAIVA

**Dissertação apresentada à
Banca Examinadora do Programa
de Pós-Graduação em Educação
da UNIMEP como exigência
parcial para obtenção do
título de Mestre em Educação**

PIRACICABA, SP
2006

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. José Maria de Paiva
(orientador)**

**Prof. Dr. Cezar de Alencar Arnaut de
Toledo**

Prof. Dr Elias Boaventura

**Prof. Dr. Luiz Francisco Albuquerque de
Miranda**

INTRODUÇÃO

D'ali fui ter a S. Vicente, acompanhando-me o Capitão e alguma outra gente, onde, em chegando, fiz um sermão do qual toda a gente foi mui movida de Deus, e d'ali em diante préguei algumas vezes e o mais do tempo confessava, e cada dia fazia a doutrina aos escravos, e ás ségundas feiras, quartas e sextas á noite tangia a campainha pelos finados. De maneira que vendo Nosso Senhor o grande estrago que o demonio nestas almas fazia (porque quasi todos os moradores destas tres villas estavam em grandissimos peccados offuscados, assi casados, como solteiros e muito mais os sacerdotes) os começou de mover e trazer a tal confusão e sentimento de seus peccados, que todos trabalham por se apartar delles, uns casando-se com as mulheres e Indias que tinham, outros deitando-as fóra, outros buscando-lhes maridos, outros determinando de viver castamente com suas mulheres, e todos com grandes espantos de si, vendo sua cegueira e perigo em que estavam tanto tempo havia. (NUNES: 1988. p. 86-87).

Esta é uma carta do Padre Leonardo Nunes enviada do porto de São Vicente no ano de 1550, à Coroa portuguesa. Essa era uma prática muito comum na época e tinha por objetivo informar fatos e sobressaltos ocorridos na colônia. É

possível observar nestas cartas, além da descrição de uma rotina religiosa, a descrição do comportamento dos índios, dos cristãos, de cristãos-novos, de escravos e de outros religiosos em relação ao contato com os jesuítas. Era também muito freqüente a descrição de atitudes pecaminosas e de como os jesuítas e os pecadores agiam em relação a elas. Havia grande proximidade entre o ato de pecar e a crença de que o pecador estaria sendo influenciado pelo Diabo, por se acreditar que o pecar era contrariar as normas de boa convivência cristã.

A falta de um comportamento cristão também indicava a presença do diabo. A ausência dos indivíduos em atividades religiosas já indicava que ele estava sendo influenciado pelo inimigo. As descrições encontradas nos escritos da época, que tinham por referência os costumes dos índios, das mulheres e dos feiticeiros, indicam um diabo inimigo da obra catequética e colonizadora.

A presença do inimigo, imigo, diabo, satanás, ou seja, o “mal” independente do termo que o defina, nos apresenta exatamente o seu significado: uma justificativa. Não pode haver o bem se não existir o mal a ser extinguido. O trabalho Jesuítico, além da preocupação colonizadora, tinha como principal objetivo levar o homem a Deus, ao caminho da verdade, desviando os pecadores do caminho das trevas.

O diabo aparece, como Nunes (1988) o descreve como sendo o inimigo, o responsável por qualquer fato que impedisse a realização das programações religiosas ou políticas.

As manifestações de pecado aparecem descritas nas cartas jesuíticas principalmente quando os padres se referem à antropofagia, bigamia, sodomia,

feitiçaria, entre outras ações estabelecidas como pecado no Concílio de Trento (1545-63). Estas eram ações que fugiam à natureza humana, segundo o entendimento da época, e representavam a influência do mal sobre os indivíduos que as praticava. Além das dificuldades materiais e territoriais, a hostilidade dos índios e as freqüentes guerras tornavam a colônia uma “terra de demônios”.

Nesse sentido, a igreja se esforçava para traduzir aos fiéis que, sexo fora do casamento era pecado, que comer carne humana era uma monstruosa obra do “imigo”, que a sodomia era proveniente dos diabos súcubos e que a feitiçaria era a arte das trevas. Esses argumentos encobriam os interesses da colonização, ao mesmo tempo que “justificavam” as dificuldades para a doutrinação, por não contarem com mão de obra suficiente no processo de “convencimento”.

No processo colonizador, o modelo de família portuguesa, imposto ao índio, foi o principal meio de afastar o gentio dos pecados, ao menos os da carne, além de induzi-los aos agrupamentos ou vilas, o que, na prática, manteria todos sob o olhar da igreja, e conseqüentemente, da Coroa. Neste sentido, parece-nos que os religiosos desempenharam, então, um papel “policial” na manutenção dos costumes aceitáveis.

Partindo destes pressupostos, este trabalho tem o objetivo de identificar de que forma os relatos jesuíticos podem contribuir para que possamos compreender como era a figura do diabo no processo colonizador e qual foi a influência desse personagem no processo de aprendizagem da vida naquela sociedade.

Os religiosos, que se estabeleceram no Brasil, em especial os jesuítas, ocuparam papel central nesse trabalho, pois suas cartas, nossa principal fonte de pesquisa. Além desse material, os estudiosos do tema como Nogueira (2000), Delumeau (1998), Holanda (1992, 1986), contribuíram para os nossos estudos.

O trabalho jesuítico de catequização e as “escolas de bê-á-bá” desempenharam papel central nas articulações políticas e religiosas, no trabalho incansável para definição do que seria o papel da corte portuguesa e da igreja no modelo social implantado na colonização.

A primeira parte deste texto tratará sobre o papel articulador da igreja católica na sociedade medieval e como se deu o seu processo de fortalecimento após a queda do império romano, abordando questões que favoreceram o domínio religioso. Essa parte, enquanto processo de pesquisa, foi essencial para compreendermos a importância da igreja para o fortalecimento da Coroa Portuguesa em terras recém-descobertas.

A Segunda parte trata das concepções portuguesas acerca da cultura durante o processo de expansão marítima. Nessa parte, descrevemos as pessoas que aportaram no Brasil, seus motivos e a violência empregada em relação aos índios chamados de “negros da terra”.

A terceira parte apresenta o demônio como um personagem que representa inúmeros papéis na história do cristianismo. O diabo, abordado neste trabalho, é proveniente da religião hebraica que tem sua imagem e influência gradualmente formulada. O objetivo em tentar identifica-lo se deu, devido à preocupação em conhecer o objeto da pesquisa, para então identificar qual era o diabo que aqui

chegou com os jesuítas do século XVI e que foi incorporado, de maneira significativa, à cultura brasileira.

Na Quarta parte são analisadas as cartas jesuíticas do ano de 1549 a 1568 e, por meio desse estudo, foi possível constatar que o personagem diabo aparece, com mais frequência, relacionado às seguintes questões: a obra colonizadora e catequética, à mulher, ao índio e aos feiticeiros. Analisados nas suas especificidades esses elementos, retratam a relevância desse inimigo, o qual manifestando-se através dos índios, das mulheres e dos feiticeiros dificultava aos jesuítas, a realização da obra catequética e colonizadora nas novas terras. enfrentar os desafios.

Este trabalho também procura delinear diferentes compreensões da “idéia de diabo” no cotidiano colonial não somente entre pessoas pertencentes ao mesmo grupo social como o da nobreza, o da escravaria, o dos homens e das mulheres livres, o dos índios. Esse trabalho pretende verificar qual foi a influência dessa representação no processo de aprender a viver dessas pessoas que tinham a igreja, e por meio dela a “vigilância do pecado”, como um dos canais de sociabilidade.

1. O PAPEL ARTICULADOR DA IGREJA CATÓLICA NA SOCIEDADE MEDIEVAL

O processo de fortalecimento do catolicismo inicia-se no final do império romano, intensificando-se a partir da conversão dos Francos a essa doutrina.

É relevante lembrar que o povo, neste período, enfrentava diversas dificuldades como a fome, as guerras, os saques que reduziam a perspectiva de uma vida longa. Estas questões fizeram com que o povo encontrasse, no discurso cristão, que defendia ser o plano terreno apenas a preparação para uma vida sem males após a morte, a possibilidade de tempos melhores.

Responsável por criar uma relativa unidade cultural no medievo, o catolicismo uniu, através da fé, diferentes sociedades medievais, por meio dos

valores cristãos, do idioma¹ e do letramento. Os representantes legítimos da igreja eram os principais responsáveis pela difusão desses valores e o faziam por meio da “autoridade espiritual”, decorrente também pelo domínio da língua falada e escrita. Essa autoridade era exercida por meio de diferentes modalidades:

a) o poder temporal – decorrente da posse de bens materiais, por meio da qual ocorria o enriquecimento da igreja, a partir das doações feitas pelos fiéis aos sacerdotes que acreditavam estar, assim, cultivando sua recompensa no céu. Esse fato que transformara a igreja na maior proprietária de terras na sociedade essencialmente agrária da época. (Franco: 1999. p.71).

b) o Clero Secular e Clero Regular – os sacerdotes da igreja dividiam-se em duas categorias. A primeira, denominada Clero Secular, era composta por sacerdotes que prestavam serviços fora de mosteiros. Seguiam uma ordem hierárquica: pároco, responsável pela paróquia; o bispo, responsável por um agrupamento de paróquias; o arcebispo, responsável pelo agrupamento de dioceses; e o papa que, segundo a tradição cristã, é sucessor de Pedro, um dos doze apóstolos. A segunda, denominada Clero Regular, era composta pelos sacerdotes que viviam em mosteiros, obedecendo às regras estabelecidas pela ordem religiosa a qual pertenciam.

Os padres católicos, importantes personagens no período feudal europeu, conseguiram impor os valores do cristianismo nas mais diversas esferas da vida

¹ O latim, idioma do antigo Lácio, era falado em todo o império romano e com o cristianismo tornou-se a língua comum a toda civilização ocidental.

social, dentre as quais a fé na constante presença de Deus e a crença em que o trabalho era abençoado, levando à vinculação das atividades festivas e recreativas às questões religiosas como formas de manifestar a devoção e agradecimento.

Nos séculos iniciais da expansão do cristianismo (séculos IV, V e VI), quando foram fundadas, entre outras, as ordem dos agostinianos e beneditinos, esse clero já estava formado. Entre os séculos XI e XIII outras ordens foram fundadas para dar respostas espirituais aos anseios populares. Dentre elas, podemos citar a dos cistercienses (1098), dos carmelitas (1154), dos franciscanos (1209) e dos dominicanos (1216). No século XVI, foi fundada a Companhia de Jesus. Os Jesuítas, como eram chamados, dedicavam-se à conversão ao cristianismo e ao ensino. Espalharam-se pela Europa, América, África e Ásia. Eram conhecidos também como “soldados de Cristo”.

O afastamento da agitação cotidiana, levou os monastérios a se tornarem responsáveis pelo armazenamento e conservação de importantes manuscritos gregos e latinos. Preservando a antiguidade clássica e mantendo a maioria das escolas e bibliotecas do período medieval constituíram-se comocentros de ensino,.

Segundo Holanda (1992), a casa de Deus, como se lê num dos mosaicos da igreja dos Santos Cosme e Damião, em Roma, deveria mostrar e irradiar a fé por meio de ouro, prata e outros metais resplandecentes.

Cambi (1999) relata que o cristianismo foi responsável pela fundamentação de uma série de elementos culturais medievais, tais como a música, os costumes, a moral, produções literárias, pinturas e esculturas e pela promoção de uma verdadeira invasão da Europa dirigindo a vida social. Bakhtin (1996) afirma que a

cultura oficial promovida pelas autoridades eclesiásticas consagrava a divisão social existente, valorizando o medo, a veneração, a docilidade, a resignação e a permanência da tradição.

Paralelamente, evidenciando que embora fossem hegemônicas, essas práticas deixavam lacunas para outras manifestações. Havia também, aquelas expressões culturais populares que valorizavam o riso, a sátira e o humor. A alegria e irreverência destes festejos manifestavam-se por meio das encenações teatrais, de paródias literárias recriando trechos da Bíblia, das sátiras de lendas clássicas e das orações ou hinos, divertindo o povo e criticando, sutilmente, a organização social.

1.1 O domínio religioso

A partir da leitura dos textos de Le Goff (1994), Bakhtin (1996) e Franco (1999) identificamos que, apesar da grande influência católica, alguns grupos sociais desenvolveram ou buscaram outras crenças. Com isso, ficaram sujeitos a discriminação e perseguição, dado que práticas religiosas não católicas eram entendidas, pela igreja, como crime ou pecado, sujeitas a diferentes punições.

Acrescentam os autores que vestígios de antigas crenças orientais, romanas, gregas, germânicas e celtas anteriores ao domínio cristão, quando detectados no corpo social, eram vistos como divergentes da cultura dominante e classificados como culturas heréticas. Muitas heresias eram também fruto de divergências no próprio corpo católico, de modo que o que poderia ser

considerado uma heresia, ou não, dependia da interpretação dos clérigos católicos sobre essas práticas.

O despreparo de grande parte dos sacerdotes paroquiais, desatentos às necessidades espirituais dos fiéis, a vida luxuosa do alto clero, mais preocupado com o acúmulo de bens materiais do que com pregação evangélica, e a convivência com um sistema social que explorava a maioria da população eram questões nas quais os movimentos heréticos se baseavam para contrapor-se à hegemonia da igreja católica. Desses movimentos faziam parte não só os pobres, mas também comerciantes e integrantes do alto clero que discordavam das interpretações consideradas oficiais.

Entre as principais heresias, estavam os cátaros, que teve início na Europa central (atual Alemanha), no século XII, e se expandiu para a região francesa de Albi. Seus praticantes, conhecidos por albigenses, acreditavam em dois deuses, um Bom e outro Mal. Esse grupo religioso acreditava que, após a morte, as almas que se salvassem subiriam aos céus e as pecadoras reencarnariam em um corpo animal.

Nesse mesmo século, em algumas regiões francesas, difundiram-se os valdenses, heresia popularizada por Pedro Valdes, comerciante de Lyon, convertido ao cristianismo que distribuiu sua riqueza entre os pobres e saiu em pregação. Ele defendia que os sacramentos não tinham valor, quando ensinados por um padre pecador, ou seja, aquele que não cumpria com rigor os mandamentos religiosos. A heresia dos patarinos, difundida onde atualmente situam-se Milão, Florença e Cremona, cuja crença também desvalida os

sacramentos ministrados por um padre pecador, também muito conhecida na época.

Outra importante heresia medieval, chamada de bogomilismo, surgiu no século XI, na região dos Bálcãs (atual Bulgária). Seus praticantes acreditavam que a igreja de Roma estava corrompida pela riqueza e que o verdadeiro espírito de Cristo somente era possível na pobreza e na vida simples. Combatiam também o culto à Virgem Maria, aos santos e às imagens que havia nos templos. Esse grupo sobreviveu até o século XV, e muitas de suas manifestações acontecem até hoje, embora não mais como heresia.

Além das atividades heréticas citadas, Nogueira (2000) relata que, situações para as quais a igreja não encontrava explicação, eram atribuídas ao “inimigo”, ou seja, ao diabo. Ele era responsabilizado por influenciar o homem na prática de atividades contrárias àquelas consideradas adequadas a um bom cristão.

Essa generalização do mal, atribuído ao diabo é explicitada por Pierre de Lancre (NOGUEIRA: 2000, p. 54): “O mundo é um teatro, no qual o Diabo sustenta a parte de muitas e diferentes personagens”. Ainda, segundo Nogueira (2000, p. 56-59), os teólogos cristãos e os médicos do século XII enumeram indicativos de manifestações diabólicas:

- Ser surdo, mudo, lunático, cego; ter doença que não pudesse ser diagnosticada pelos médicos ou quando, mesmo sob tratamento, viesse a piorar; quando a doença já se manifestasse de forma aguda e não passo-a-passo; ter dores e

cólicas, sensação de vermes ou outros animais percorrendo seu corpo; ter bolhas na língua; ter os membros encolhidos e ficar sempre adormecido como morto; suspirar; ser impotente.

- Apresentar fisionomia assustada, olhar espantado, aspecto hediondo; apresentar alucinações acompanhadas de aumento da força física; ter visões do diabo antes de sentir-se possesso; falar em idiomas que desconhece; estado de ânimo exaltado; inquietação ou buscando lugares desertos; revelar segredos; injuriar os vizinhos; não conseguir encarar o olhar do padre; mostrar-se perturbado ao adentrar lugares em que houve pessoa da qual suspeitava ter-lhe feito mal; apresentar suor ou secreções quando o padre lhe aplicasse unções.
- Não conseguir pronunciar o nome de Jesus ou de Santos ou de cantar os Salmos; deixar de participar nos rituais religiosos, fazer orações, tomar água benta; encolerizar-se diante das relíquias e ofícios religiosos; desprezar a Deus; contorcer-se ou sentir o sopro do vento frio ou quente durante sessões de exorcismos.
- Não conseguir comer carne de cabra; não suportar aroma de perfumes; perder o apetite ou vomitar carne ingerida.

Esses indicativos, que fizeram com que teólogos e populares encontrassem sinais do Diabo em situações diversas, dinamizou a crença popular em relação ao

mal e deu a Satã uma importância espetacular², favorecendo, dessa forma, o controle social, controle esse, historicamente exercido pelos grupos hegemônicos, na maioria das vezes, por meio dos aparelhos do Estado sobre a sociedade.

Para Nogueira, os cristãos representam o Universo dividido em dois reinos, o de Cristo e o do Diabo. O primeiro, cheio de luz e prosperidade e, o segundo, lugar onde predominam as trevas e a escuridão. Esses dois mundos, desde a criação, encontram-se em combate, no qual o reino do “mal” se esforça para impedir o alargamento do reino do “bem”. Qualquer ação que afaste o homem de Deus é atribuída à influência do Diabo. O afastamento do indivíduo da fé e das palavras de Cristo, favorece que ele seja guiado e transformado em porta-voz do mal.

De acordo com Herson (1996), a igreja atribuía as doenças a um castigo de Deus, aplicado ao homem por seus pecados e pelo afastamento da doutrina. A cura devia ser buscada espiritualmente, por meio de orações, as quais serviam para os religiosos rogarem pela vida do pecador.

Para combater as heresias, o papa Gregório IX criou, em 1231, os tribunais do Santo Ofício, com a função de descobrir, julgar e punir qualquer ação que pudesse ser considerada contrária aos ensinamentos católicos. Desse modo, o combate ao inimigo do cristão passa a integrar as práticas do cristianismo.

Nesse processo, muitas ações podiam ser consideradas heréticas e, por isso, julgadas pelo tribunal inquisicional e punidas pelo Estado, evidenciando a

² O termo *espetacular* é aqui utilizado, segundo Debord (1997: p.21), para quem a aparência de um ponto ou situação predomina sobre a essência e o falso aparece como verdadeiro. Como diz o

cumplicidade entre a Igreja e o Estado. A investigação, muitas vezes, envolvia tortura, obrigando à confissão. A punição aplicada variava. Ia desde o confisco de bens até a morte, por enforcamento ou fogueira. Esses atos favoreciam a igreja e a fidalguia hegemônica a manter o controle da sociedade.

Os tribunais inquisicionais expandiram-se em várias regiões européias e, posteriormente, a outras regiões do mundo como América e Ásia, por exemplo. Nesses lugares, o catolicismo foi “implantado” pelos europeus.

Em Portugal, a inquisição instalou-se em 1536 e muitos “hereges” foram penitenciados nos tribunais de Lisboa, Coimbra e Évora. Nos primeiros cinquenta anos desse tribunal, houveram muitas sentenças e, na sua maioria, foram dadas à cristãos-novos, ou seja, judeus que foram obrigados, no reinado de Dom Manuel, a converterem-se ao cristianismo. Muitos destes cristãos-novos residiam em Portugal há tempos e outros ali residiam devido à expulsão ou conversão decretada pela Espanha. Dom Manuel, considerado “o venturoso”, oferecia certa imunidade aos cristãos-novos. Mas, com a ascensão de Dom João III ao trono, a situação ficou muito difícil para essa população. Houve a partir de 1551, uma intensa migração de cristão novos para o Brasil, com o propósito de fugir ao rigor do tribunal inquisicional português.

Segundo Vainfas (1997), esses imigrantes têm papel decisivo na ocupação do litoral brasileiro e a exploração econômica do pau-brasil. Essa exploração foi principalmente, realizada por um consórcio liderado pelo cristão-novo, Fernando de Noronha ou Loronha.

autor, trata-se de um “pseudo-sagrado”.

No Brasil, o visitador Heitor Furtado de Mendonça e sua comissão inquisicional desembarcou em Pernambuco, em 1591. Contudo, de acordo com Herson (1996), a visita tinha como real interesse verificar e “salvar a ibericidade do atlântico”, isto é, a união política e comercial entre Portugal e Espanha, pois havia um comércio intenso entre cristãos-novos, holandeses e franceses. No entanto, ainda segundo essa autora, os eclesiásticos aqui instalados não apoiavam a idéias do confisco pois eram os cristãos-novos que mantinham as igrejas e os melhoramentos sociais, de modo que se a fiscalização, perseguição e confisco fossem acentuados, desencadeariam grandes prejuízos para a Igreja isso repercutindo no volume de recursos para manter, incrementar e expandir os domínios da igreja.

2. CONCEPÇÕES PORTUGUESAS ACERCA DA CULTURA DURANTE O PROCESSO DE EXPANSÃO MARÍTIMA

A partir de 1415, a expansão marítima portuguesa teve início com a conquista de Ceuta, no norte da África. Sabe-se que Ceuta era um centro comercial muito lucrativo, e oferecia uma variedade de especiarias e escravaria. Pouco a pouco, o reino português avançou mar adentro, contornando a costa atlântica do continente africano, onde mantinha postos de comércio, os quais que sustentavam a continuidade da expansão marítima e garantia grandes lucros à Coroa.

Segundo Fausto (1994), a expansão marítima representava interesses diversos. Para os comerciantes, representava bons negócios. Para o rei, a oportunidade de criar novas formas de cobrança tributária numa época em que o rendimento da Coroa estava escasso. Além destas questões, o autor já referendado também aponta que a expansão envolvia nobres e membros da Igreja. Só o fato de estar nas naus, independentemente de alcançar qualquer

objetivo, já lhes rendia prestígio, por servir à Deus no processo de evangelização de povos selvagens e, ao rei, na aquisição de novas terras.

Havia um espírito de aventura, o desejo de conhecer novos mundos, novas terras, a expectativa de encontrar coisas que as pessoas nem imaginavam existir. As expedições, por mar, eram, tecnicamente, muito avançadas para a época. Possuíam embarcações leves e capazes de transportar um grande número de pessoas, além de suportar grandes lotes de especiarias e escravaria.

É interessante lembrar que, nesse período, não se dispunha do conhecimento geográfico dos dias atuais. Acreditava-se que a terra fosse quadrada ou em forma de disco, e que em algum lugar, embora incerto, o mundo se acabaria em um enorme abismo. Esse fato tornava a viagem náutica um empreendimento de grande risco e desencadeava crescente apreensão, pelo fato de que muitos que partiam não retornavam ou, sequer, enviavam notícias.

Nos desenhos e mapas desse período, segundo Hollanda (1992), são encontradas figuras monstruosas, gerando a idéia de que os mares eram povoados por seres míticos. Há relatos de males, monstros marinhos, sereias e tritões que povoavam o oceano atlântico, também chamado de “Mar Tenebroso”. Era idéia corrente que na Terra havia um sítio da bem-aventurança, tal como o éden, só acessível aos mortais por meio de males e perigos. Alguns autores conjecturavam que o éden estivesse num mundo segregado, um verdadeiro paraíso terrestre, lugar delicioso, só alcançável mediante transposição de um marco semelhante a um portal, intransponível para muitos. Muitas expedições seguiam com seus exploradores de terras longínquas, crenes de que

encontrariam um mundo sem males, de bons céus e ares que, se não libertam da morte, ao menos imunizam das pestilências, tão comuns no cotidiano da época.

Segundo Chandeigne (1992), a partir do século XV, navegadores e matemáticos já defendiam que a Terra era redonda, e que, portanto, seria possível dar a volta ao mundo. Embora nessa época já existissem esses rumores, Miceli (1998) afirma que a comprovação documentada acerca da forma circular da Terra só ocorreu em 1521, com a expedição de Fernão de Magalhães.

Com o desenrolar do processo de expansão marítima e avanços nas ciências, foi possível explicar e justificar os desaparecimentos de embarcações como decorrentes de tempestades e naufrágios e não mais como obra de “monstros” do mar.

As viagens consumiam muito dinheiro e muitas vidas. Tempestades e ondas gigantes eram responsáveis por inúmeros naufrágios. As embarcações que resistiam às forças da natureza sofriam também com as péssimas condições de saúde, alimentação e as acomodações nas naus. O alojamento era apertado e úmido, a alimentação escassa e os tripulantes contavam com pouca vitamina C, o que ocasionava, além de outras doenças, o escorbuto, muito comum entre marinheiros. Esses não eram os únicos problemas. O mau armazenamento dos alimentos, víveres, biscoitos e farinha obrigava a tripulação a disputar, com ratos, baratas e outros insetos, os alimentos já em estado de putrefação. A água para consumo humano também apresentava condições insalubres, devido às condições de armazenamento e conservação disponíveis. As doenças, por esses motivos, acometiam os integrantes dessas incursões marítimas e levava muitos à morte.

Os problemas econômicos enfrentados na corte portuguesa eram tantos que, apesar de todos os riscos, as expedições em busca de novas terras representavam a possibilidade de conquistar melhores condições de vida.

2.1. A América

De acordo com Chandeigne (1992), a esquadra do genovês Cristóvão Colombo partiu em 1492, em direção ao ocidente financiada pelo reino espanhol. Atravessou o atlântico para provar que a terra era redonda, mas não completou o empreendimento e deteve-se em terras que denominou de São Salvador, hoje Caribe.

Hollanda (1986) considera que a chegada da esquadra de Colombo à América, em 1492, ocasionou grande impacto, tanto entre os indígenas como em relação ao europeu, porque gerou um “confronto de duas humanidades”.

Um de seus companheiros nesta viagem, Vicente Yanez Pinzón, capitão da caravela Niña, explorou o litoral Pindorama³, desembarcando em 26 de janeiro de 1500. Historiadores apontam para indícios que os portugueses já conheciam as terras da América desde 1498, quando o navegador e matemático, Duarte Pacheco Pereira, teria percorrido o mesmo trecho do litoral do continente que Pinzón percorreu.

De acordo com Campos (1991), os navegadores, a serviço de Portugal e Espanha, pioneiros no processo de expansão marítima, “batizavam” os locais

³ Pindorama, segundo o entendimento comum nos dicionários, é uma expressão brasileira que significa região das palmeiras. É uma das primeiras designações dada ao Brasil.

onde aportavam sempre reverenciando a religião cristã: monte Pascal, São Salvador, Santa Cruz, dentre outros. Imbuídos da idéia de tornar o mundo cristão, ocuparam-se em converter os habitantes das novas terras ao catolicismo, desconsiderando que aquelas localidades poderiam ter uma denominação atribuída por seus habitantes nativos. Não se mostrava também relevante o fato de que, desde 1501, com as viagens de Américo Vespúcio, já ser corrente a idéia de que a América era outro continente diferente do continente Asiático. Por esse motivo a população local continuou a ser chamada de índio, indígenas ou, no máximo, ameríndios. Portugueses e Espanhóis acreditavam ter uma missão religiosa: levar a fé que professavam a todos os povos, tornando o mundo cristão, ao converter milhares de pessoas a esta doutrina.

O clero participou ativamente desse processo, inclusive baseando-se na Bíblia para justificar as invasões. Segundo o clero, as escrituras afirmavam que o paraíso terrestre, único local não inundado pelo dilúvio, estaria localizado na parte alta de um grande monte e preservado como fora criado por Deus. O fato dos índios viverem nus, como Adão e Eva, a existência de pássaros que falavam como o papagaio, muitos frutos e águas límpidas eram entendidas como sinais de que aqui era o paraíso terrestre. A expansão marítima era um milagre de Deus e caberia ao europeu a tarefa de aumentar o número de almas que seguiriam a fé cristã. Assim, a conquista dessas terras já tinha explicação e as violências cometidas eram os meios que justificavam os fins.

Na expedição de Cabral foram embarcadas aproximadamente 1500 pessoas em 13 navios. Entre os tripulantes estavam experientes navegadores, como Bartolomeu Dias e Gaspar de Lemos, também padres, soldados,

comerciantes, intérpretes. Pedro Álvares Cabral, nobre português mas, com pouca experiência marítima, comandou a expedição. Essa esquadra estava destinada à cidade de Calicute na Índia e, por razões desconhecidas, aportou em 22 de abril de 1500 no lugar que chamaram de Monte Pascal, por ser a semana de Páscoa. Posteriormente, o lugar foi batizado de Terra de Vera Cruz e, novamente rebatizada, recebeu o nome de Terra de Santa Cruz.

O nome Brasil foi adotado nas primeiras décadas do século XVI. Alguns historiadores dizem que o nome Brasil foi associando-o à árvore de nome pau-brasil. Porém, segundo Bueno (1998), o nome Brasil pode até ter sido uma associação, mas a palavra “brasil” segundo ele, é repleta de significados e muito mais antiga que o nome da árvore. Segundo este autor, havia uma ilha, entre tantas espalhadas no “mar tenebroso”, chamada Hy Brazil. Era um território lendário, associado à trajetória percorrida por São Brandão, místico Irlandês que, no ano de 565 d.C., partiu para o oceano em busca de uma terra sem males, idéia esta vinculada a visão edênica. Após tempos de peregrinação, este místico chegou a uma ilha onde soavam os sinos e a batizou de Hy Brazil, a terra da bem aventurança.

Brazil provém da palavra celta *bress*, originada do inglês *bless*, que quer dizer, abençoar. Isso mostra que o nome Brasil pode ter sido escolhido não somente por essa terra estar repleta da árvore, mas também pela crença na existência de uma ilha perdida para a qual eram enviadas expedições a sua procura até 1624. Ainda segundo Bueno a ilha pedida de nome Hy Brazil podia ser encontrada em mapas desenhados, em 1721, por respeitáveis cartógrafos da época.

Hollanda (1992) relata que uma certa ilha chamada Brasil, em 1480 preocupava os armadores de Bristol. Financiados por tratantes teriam cooperado com uma expedição a esse lugar, com duas embarcações, entregues aos cuidados do Sr. Lloyd, um navegador de Gales tido como o mais científico marinho da Inglaterra. No entanto, a 15 de julho desse mesmo ano, saíram duas embarcações que, levadas pela corrente, aportaram na Irlanda.

Existem limitações para compreender como se deram os primeiros contatos entre portugueses e índios aqui no Brasil, devido à escassez de registros. Um documento que pode auxiliar na compreensão desse momento histórico é a carta de Pero Vaz de Caminha, que apresenta, com riqueza de detalhes, os primeiros contatos com os índios, a impressão causada pela natureza, a primeira missa e outros. É relevante saber que quando os portugueses chegaram ao que viria a ser o Brasil, não tinham idéia da extensão das terras que encontraram, nem sabiam sobre quais possibilidades econômicas existiam para exploração.

Gaspar Lemos, experiente navegador foi responsável por voltar a Portugal e dar as boas novas à Coroa e Pêro Vaz de Caminha fora encarregado de escrever a carta à Coroa, da qual destacamos o seguinte trecho:

De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro [...] Porém a terra em si é de muito bons ares [...] Águas são muitas: infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo [...] Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente [...], (Arroyo:1971, p.32)

A partir da invasão ou da conquista portuguesa, as terras de além mar, que romanticamente teriam sido “descobertas” pelos europeus, sofrem a reprodução das ações e práticas portuguesas já existente no reino. Apesar de identificados como oriundos do paraíso, os índios precisavam ser corrigidos. Seu comportamento não era o de bons cristãos. Assim, o português que aqui chegou, impôs seu modo de vida, sua moral e sua lógica social.

Os nativos viviam nus, trabalhavam apenas o suficiente para sobreviver, eram politeístas e muitos eram antropófagos. Os padres, acreditando serem os salvadores de almas, tentavam, de todas as formas que lhes eram possíveis, mostrar-lhes a superioridade da cultura portuguesa religiosa. Suas crenças, consideradas inferiores e irracionais, deveriam ser eliminadas. Segundo o modelo autoritário que conheciam, os portugueses não puderam compreender a aparente ausência de regras e a falta de direcionamento nas comunidades nativas.

A Coroa Portuguesa exerceu, em relação à igreja, uma posição de relativo controle:

o padroado consistiu praticamente no controle das nomeações das autoridades escolásticas pelo Estado e na direção, por parte deste, das finanças da Igreja. Durante os primeiros anos não se conhecem interferências diretas das autoridades civis no terreno espiritual. [...] Mas, na verdade, de tal maneira estava a administração eclesiástica entrosada na máquina administrativa do governo civil, que seria difícil ao vulgo ver nela não um departamento do estado, mas um poder autônomo”. (Ab’s Saber:2000, p. 57)

Esse sistema foi instituído, segundo Azevedo (1999), a partir do século XIII, pelas monarquias ibéricas, para regular as alianças da Santa Sé. No caso português, consistia na concessão de privilégios para a reivindicação de direitos, invocando à Coroa sua qualidade de protetora das missões eclesiásticas na

África, Ásia e Brasil. Neste último, distinguiam-se dois tipos de padroado: o real e o da ordem de Cristo e, quer fossem espanhóis ou portugueses, esses padroados eram regulados por uma carta com decreto pontifício. Assim, as coroas ibéricas exerciam grande influência na administração das colônias do “além mar”, promovendo, transferindo ou afastando clérigos, decidindo e arbitrando conflitos nas jurisdições, cujos limites eram fixados por ela própria. A Companhia de Jesus era, portanto, um grupo de “funcionários assalariados da coroa” que legislava sobre assuntos religiosos mas, devido ao padroado, ficava sob o controle permanente do Estado. No Brasil, o padroado só foi extinto no período da República, no século XIX.

O povo nativo também tinha questões a serem explicadas, pois queriam saber quem era aquele povo que vinha de um mundo para eles desconhecido. Devido a antigos relatos dos seus antepassados e certas profecias religiosas inicialmente, algumas nações indígenas confundiram os europeus com deuses, cuja vinda era esperada.

O que se constata é que, para facilitar a invasão, o europeu alimentou inicialmente essa crença, o que não impediu que os indígenas percebessem o engano.

Nos primeiros tempos, os portugueses estavam mais interessados no comércio com as Índias e o Brasil seria, nesse contexto, uma espécie de ponto de parada nessa rota. À medida que outros povos chegaram por aqui, com o objetivo de ocupar a terra, Portugal viu-se obrigado, por razões muito mais políticas do que econômicas, a encontrar uma forma de colonização. Criaram-se, inicialmente, as capitanias hereditárias, onde os donatários tinham que defender a terra contra os

índios e estrangeiros, contando para isso com uma autoridade só formal, por serem, financeiramente limitados. Segundo Iglesias (2002), esses donatários eram proprietários, tinham jurisdição no civil e no crime, podiam fundar vilas, dar sesmarias e nomear autoridades. Entre as capitanias, apenas duas obtiveram grande desenvolvimento: a de Pernambuco e a de São Vicente. As demais ficaram restritas à exploração territorial.

Instituiu-se, em 1548, o governo geral: os capitães donatários, que prestavam conta das atividades e ocorrências na colônia direto à Coroa portuguesa, passam a fazer isso a um representante do reino no Brasil, centralizando a administração da Colônia.

Na prática o Governo Geral acontece em 1549 com Tomé de Souza. A sede funcionava em Salvador, na Bahia. Seus representantes enfrentaram dificuldades no governo, devido à amplitude do território, à difícil comunicação entre as capitanias e às guerras tanto com os povos nativos quanto com os estrangeiros invasores. Uma dessas guerras ocorreu quando a baía de Guanabara foi invadida pelos franceses que lá permaneceram de 1555 a 1567, quando foram totalmente expulsos. Essa situação exigiu que fossem despendidos esforços e recursos de guerra que a colônia pouco dispunha. As medidas adotadas fizeram, porém, que a realidade pouco de alterasse, pois os portugueses continuaram concentrados no litoral, sendo muito lenta a ocupação do interior, a qual só se completou ao longo dos séculos.

Do ponto de vista econômico, os portugueses começaram a investir no plantio da cana-de-açúcar, já que tinham experiência com esse tipo de cultivo nas ilhas da costa africana. Conheciam também o negócio do açúcar. Para isso, era

preciso recrutar mão-de-obra e os índios foram os primeiros a serem explorados. Os portugueses não tiveram, porém, êxito, pois o índio demonstrou enorme resistência ao tipo de trabalho imposto pelos portugueses. Eles não tinham experiência com o trabalho regular. Além disso, apresentavam baixa resistência às bactérias e aos vírus transmitidos pelos europeus, o que os levava, freqüentemente ao adoecimento e à morte.

A solução encontrada pelos portugueses foi trazer para a colônia mão-de-obra escrava africana, a qual já era comum na corte portuguesa. Com essa prática além de lucrarem com a mão de obra, lucravam também com o tráfico negreiro.

O contato do europeu com as novas terras os favoreceu, pois ampliou seu conhecimento artístico e científico e exerceu influência significativa sobre a mentalidade e a ciência Européia. Na agricultura, o europeu absorveu certas técnicas de plantio e de coleta de resinas e fibras. Conheceu novas espécies, tais como a mandioca, o milho, as plantas medicinais. Passou também a tomar o gosto pelo banho diário.

As Cartas jesuíticas fazem referência às plantas medicamentosas utilizadas que auxiliavam na cura não espiritual. O conhecimento indígena utilizado já que a coroa destinava poucas provisões⁴ para os religiosos e a fidalguia aqui estabelecidos. Literalmente ficaram à própria sorte.

De acordo com Neves e Humberg (1998), nesse processo colonizador, conduzido pelo europeu, muitas tribos indígenas foram dizimadas, o que gerou a perda total de sua cultura. As autoras estimam que aqui viviam de 2,5 a 5 milhões

de indígenas e que, nesse mesmo período, de 1500 a 1550, aproximadamente, portugueses e espanhóis, cada qual em seu reino, não somavam 11 milhões. Disso se deduz que o número de pessoas enviadas desses países para o processo de colonização não deve ter sido muito grande. Segundo Iglesias (2002), em 1500, aqui ficaram apenas quatro portugueses, dois degredados e dois fugitivos e, em 1548, havia de dois mil a três mil deles. Quando a corte portuguesa para cá se mudou, no século XVIII, com ela vieram quinze mil e, até a sua volta, mais nove mil. As estimativas indicam que, no século todo, tivemos no Brasil, aproximadamente trezentos mil europeus.

Quem era o povo brasileiro dos primeiros três séculos? A fidalguia? A ralé? Os índios? a fidalguia? os degredados? a ralé?

Para Iglesias (2002) os degredados, na sua maioria, por motivo religioso ou político, não eram, necessariamente, pobres e, a ralé portuguesa possivelmente, não tivesse condições de pagar o deslocamento coroa-colônia. A hipótese mais provável, segundo o autor citado, é que os portugueses vindos ao Brasil eram pessoas desenraizadas em busca de terras e melhores condições de vida. Segundo relatam os historiadores lidos para esse trabalho de pesquisa, as terras da fidalguia portuguesa eram herdadas apenas pelo primogênito. Acreditam, também esses historiadores que muitos nobres fidalgos, não proprietários de terras, tinham a colônia como “terras de ninguém”, das quais poderiam se apossar.

⁴ Embora os portugueses recebessem mantimentos, roupas, medicamentos, vinho e pão para as cerimônias religiosas e alguns outros bens materiais, a quantidade sempre ficava aquém das necessidades.

O povo nativo era apenas um detalhe nesse processo. Inclusive para serem considerados criaturas humanas, o papa Paulo III baixou um decreto em 1537.

Por meio de várias formas de violência, mesmo utilizando muitas formas de resistência, a população indígena foi, significativamente, reduzida num espaço de aproximadamente 50 anos.

2.2. A Violência

Em relação à guerra travada entre os europeus e os índios, verificou-se devido ao número de mortes cometidas, a superioridade portuguesa. Esse resultado pôde ser obtido porque faziam uso da pólvora, do cavalo e do aço. Mosquete, arcabuz e canhão possibilitavam que o combate fosse à distância, evitando o corpo-a-corpo. Além do que, inicialmente a explosão ocasionada pela pólvora provocava no índio grande espanto. O cavalo também era um animal novo na América e, a combinação de armas/materiais/objetos produzidas pelo aço tais como: escudos, punhais e espadas faziam do europeu um grande guerreiro, se comparado aos indígenas, cujas armas eram arcos, flechas envenenadas, machados, paus e pedras.

No entanto, não é apenas a superioridade do armamento que pode explicar a vitória européia. Outro fator muito significativo no processo de dizimação indígena foram as grandes epidemias: gripe, tifo, sarampo, malária, coqueluche. Essas doenças, às quais os índios não tinham resistência, eram trazidas pelos colonizadores. Eram males desconhecidos e, por isso, os índios não sabiam combater com suas plantas e rituais.

Por esse motivo, os índios identificavam a doença como sendo um mal, por meio do qual os deuses os estavam punindo, o que gerava entre eles, um comportamento apático de entrega e desesperança.

Relatos do Padre Jesuíta, Manoel da Nóbrega, (1988) descrevem inúmeras guerras entre povos indígenas de diferentes nações. Os portugueses e espanhóis tiraram proveito dessas guerras inter-tribais para fazer alianças com algumas tribos contra aquelas que ofereciam resistência ao processo de colonização. Agiam com violência e promoviam verdadeiros massacres, como pode ser visto em trecho de carta do Governador Geral do Brasil, Men de Sá, em 1560, ao rei de Portugal:

Nestes tempos veio recado ao governador como o gentio tupinikin da capitania de Ilhéus se alevantava e tinha morto muitos cristãos e destruído e queimado todos os engenhos dos lugares, e os moradores estão cercados e não comiam já senão laranjas. Logo pus em conselho e posto que muitos eram que não fosse, por não ter poder para lhes resistir nem o poder do imperador, fui com pouca gente que me seguiu.

Na noite em que entrei em Ilhéus fui a pé dar em uma aldeia que estava a 7 léguas da vila em um alto pequeno, todo cercado de água, ao redor de lagoas. E a destruí e matei todos os que quiseram resistir e na vinda vim queimando e destruindo todas as aldeias que ficaram atrás. Porque o gentio se ajuntou e me veio seguindo ao longo da praia, lhes fiz algumas ciladas, onde os cerquei e os forcei a lançarem-se a nado ao mar de costa brava.

Mandei outros índios atrás deles, que os seguiram perto de 2 léguas e lá no mar pelejaram de maneira que nenhum tupinikim ficou vivo. E os trouxeram a terra e os puseram ao longo da praia em ordem que tornavam os corpos perto de 1 légua.

Fiz outras muitas saídas em que destruí muitas aldeias fortes e pelejei com eles outras vezes em que foram muitos mortos e feridos e já ousavam estar senão pelos montes e brenhas onde matavam cães e galos e, constrangidos da necessidade, vieram a pedir misericórdia e lhes dei pazes com condição que haviam de ser vassallos de Sua Alteza e pagar tributos e tornar a fazer os engenhos. Tudo aceitaram e fizeram e ficou a terra pacífica em espaço de 30 dias. Isto fiz à minha custa dando mesada a toda pessoa honrada. (Prezia & Hoornaert :1995, p. 75).

Devido à participação do português na organização do trabalho indígena, seu cotidiano alterou-se significativamente. Aldeias inteiras foram removidas de suas regiões de origem para que pudessem realizar o trabalho escravo que dava origem as vilas, construindo casas, igrejas, fontes, calçamentos. Fora do seu ambiente de origem, estas populações sofreram com a mudança na alimentação e nos hábitos, ficando sua organização social e produtiva totalmente abalada.

É importante lembrar que, os colonizadores usavam como insígnia como marco moral e espiritual, a bandeira com a cruz católica para marcar a terra conquistada. Esse fato assinala também, a conquista espiritual dos indígenas, colocando a cruz e a espada lado a lado no processo de dominação desencadeado pelos colonizadores.

Todas as expedições levavam padres, para realizar batismos e missas. Os primeiros padres enviados ao Brasil são os franciscanos, os quais obtiveram aqui poucos frutos. Os maiores esforços foram feitos pelos padres jesuítas. Vindos com Tomé de Souza, em 1549, permaneceram no Brasil até 1759, quando foram expulsos por Pombal, por discordarem das medidas⁵ tomadas pela Coroa.

⁵ As medidas, Segundo Prezias e Hoornaert (1995, p. 94) foram: “as aldeias cristãs deveriam ser controladas por funcionários do governo e não mais pelos padres. As capelas tornaram-se paróquias, com vigários nomeados pelo rei, os indígenas deveriam deixar de ser ‘bárbaros’, passando a ter nomes portugueses, e as línguas nativas foram proibidas. A língua portuguesa tornou-se obrigatória, os caciques viraram ‘capitães’ e as lideranças passaram a ser vereadores municipais ou juizes. Todos os indígenas a partir daquele momento seriam cidadãos portugueses. Na visão de Portugal este seria o fim do ‘atraso’ no Brasil, mas na realidade foi um grande prejuízo para os povos indígenas. Todos os índios, entre 13 e 60 anos, tinham que trabalhar metade do ano quase de graça para os brancos e cada aldeia devia ter soldados portugueses para ‘manter a ordem’. O que produziam devia ser vendido, mas quase sempre eles eram roubados pelos comerciantes desonestos”.

As atividades desenvolvidas pela ordem jesuítica foram realmente catequéticas e, já em 1553, havia um aldeamento, facilitando aos padres o aprendizado das línguas nativas e o trabalho de conversão do índio à cultura portuguesa religiosa. Houve empenho para alfabetizar índios e brancos.

Segundo as Cartas jesuíticas, (NAVARRO: 1988), os aldeamentos tinham também o objetivo de proteger dos perigos da terra, a população que nela estava assentada. Tais perigos podem ser traduzidos como sendo o mal que os brancos colonos provocavam com saques, escravização do povo indígena e assassinatos, como também de ataques indígenas para recuperar o território ou os indivíduos cativos dos portugueses.

Para Monteiro (1994), a vida nas aldeias jesuíticas trouxe profundas modificações na organização social dos índios, os quais eram forçados a aderir à doutrina católica. Eram batizados, recebiam nomes cristãos e ficavam à serviço da Coroa. Esses espaços eram também o refúgio para os indivíduos que tiveram suas comunidades fragmentadas ou destruídas pelas constantes guerras. Tornavam-se, então, um espaço para a recriação de identidades ameaçadas. No entanto, isso não impedia a ocorrência de fugas individuais e coletivas, revoltas e resistência ao trabalho, as quais representam um sinal da reação indígena aos aldeamentos.

No processo de doutrinação indígena houvera enganos. O principal deles foi acreditar que os índios aceitavam a fé católica pelo fato de participarem das cerimônias e adotarem rituais. Sendo a religião católica tão complexa e cheia de meandros, por pertencer a um outro quadro social, é difícil acreditar que aqueles

indivíduos tivessem plena compreensão do significado da fé e dos ensinamentos da religião em apenas alguns meses ou poucos anos de convivência com os padres católicos. Esse processo de conversão parece-nos ser apenas uma acomodação⁶ por parte da população indígena.

Esse fato, que nos parece mais claro hoje, não fugiu aos olhos lúcidos do padre jesuíta Manoel da Nóbrega que, constatando a resistência aos aldeamentos, justificou a importância dos colégios jesuíticos para meninos, local onde a doutrina católica e os valores europeus eram trabalhados com menor resistência, conforme o trecho da carta de Manoel Nóbrega ao rei de Portugal:

[...] sua Alteza os que todos convertidos, mande-os sujeitar [...] Sujeitando-se o gentio [...] a terra se povoará e Nosso Senhor ganhará muitas almas e sua Alteza terá muita renda porque haverá muitas criações e muitos enganados [...] A lei que lhes hão de dar é defender-lhes de comer carne humana e guerrear sem licença do governador; fazer-lhes ter uma só mulher; vestirem-se, pois tem muito algodão, ao menos depois de cristãos; tirar-lhes os feiticeiros; mantê-los viver quietos sem se mudarem para outra parte, se não for para entre os cristãos; tendo terras que lhes bastem e com estes padres da Companhia para os doutrinar. (Ribeiro: 1995, p. 50-51)

Muitos dos esforços jesuíticos perdem-se com a sua expulsão em 1759. Havia, nesta época, vinte e cinco residências, trinta e seis missões, dezessete colégios e seminários, além de outras iniciativas alfabetizadoras. Após esta determinação seiscentos integrantes da Companhia de Jesus foram obrigados a deixar as terras, levando ao fechamento dos colégios.

⁶ O termo é aqui usado no sentido sociológico: “ajustamento apenas formal e externo, cuja função é a de diminuir o conflito; constitui novo *'modus vivendi'*”. (PIERSON, 1964, p.321).

Além dos jesuítas, havia também no Brasil as carmelitas, os beneditinos, os franciscanos e outros padres seculares de outras ordens religiosas. Em muitas localidades, eles eram a única presença européia.

3. O DIABO

Esse capítulo trata, especificamente, do nosso objeto de estudo: o diabo. Para tentar aprendê-lo, procuraremos conhecer a sua origem, definição,

representações e a forma como foi apresentado pelos jesuítas do século XVI durante o processo de colonização brasileira, destacando as possíveis intencionalidades da sua utilidade e circunstâncias em que sua imagem foi lembrada.

O personagem diabo tem suas atitudes determinadas, segundo as concepções cristãs provenientes da religião hebraica. É uma figura relevante no imaginário religioso, desempenhando vários papéis ao longo dos séculos. Surgiu da necessidade de personificação de uma entidade do mal dentro da religiosidade cristã e isso causou uma fusão da história do cristianismo e a do próprio diabo.

Inicialmente, a religião hebraica não teve a necessidade de corporificar uma entidade que representasse o mal, uma vez que o Deus tribal, Jahveh, era tido como superior a qualquer outro Deus. Conseqüentemente, os deuses inferiores a ele já representavam, naturalmente, o mal, pelo fato de serem oposição.

Esse monoteísmo, observado no antigo testamento, confere ao mal um poder insignificante, fazendo com que, inicialmente, o “diabo” não aparecesse como uma figura marcante. São poucas as referências a este “espírito maligno” pois, sendo o Judaísmo a religião prevalente, a idolatria ou veneração de ídolos era proibida. Mas, o contato do povo judaico com outras culturas e com tradições que valorizavam práticas mágicas e terrores supersticiosos fez prevalecer a idéia de que existiam espíritos das trevas.

A nação hebraica, que originou-se das muitas tribos existentes na antiga Mesopotâmia, não tinha uma hierarquia demonológica constituída, mas sim

“rouach raha”⁷ enviados por Deus para punir ou para anunciar e realizar suas vontades.

No Antigo Testamento, no Livro de Jó Cap. 1:6-12, há uma referência ao demônio como um “servidor celestial”. Ele se apresenta a Deus em reunião, juntamente com outros servidores como que a prestar contas dos seus serviços. Inquirido sobre o que houvesse feito, o diabo respondeu: “Estive dando uma volta pela terra, passeando por aqui e por ali”. Sendo novamente inquirido por Deus acerca, então, do que teria observado sobre o servo Jó, um homem rico mas temente a Deus, o diabo teria questionado a possibilidade de ser fiel, para poder gozar da “vida boa” como a que Deus possibilitava a Jó. Sugeriu, com isso, que só pode existir boa vontade e respeito para com o próximo quando há interesses envolvidos.

Foi, então, autorizado por Deus a colocar Jó em provações. E assim, o diabo o fez e, mesmo sob circunstâncias desfavoráveis como a miséria, a doença e as injustiças, Jó permaneceu fiel a Deus, o qual lhe devolvera, em dobro, tudo o que tinha antes. Jó mostrou, com o seu comportamento, ser mais forte que o diabo que, olhando tudo com desprezo, porta-se, a partir de então, como o rei das “legiões rebeldes”.

É importante lembrar que a relação estabelecida entre os povos faz surgir, no Velho Testamento, uma aristocracia demoníaca. Além de Satã, Satanás e

⁷ Rouach raha – espíritos malignos

Lúcifer aparecem: Belzebu⁸, Astaroth⁹, Asmodeu¹⁰, Leviatã¹¹. Todos tem o mesmo papel, ou seja, o de representar o mal.

Nogueira (2000) menciona que, na antiguidade, posterior à religião hebraica, povos que idolatravam deuses diferentes faziam “guerras entre os Deuses” e o vencedor se apropriava do território do perdedor, submetendo tudo que habitasse neste espaço ao novo proprietário. O povo vencido responsabilizava o “Deus” vencedor pela miséria e seca enfrentada, as quais eram consideradas as personificações do mal.

A época Helenística¹² contribuiu imensamente para que houvesse um maior contato entre povos de diferentes culturas e religiões, promovendo uma sistemática aparição do agente do mal que influenciaria o homem europeu. Do século II a.C. ao século I d.C. desenvolveu-se uma imensa literatura sobre o “ser maligno”. Geralmente textos de autoria duvidosa, atribuídos aos grandes personagens do antigo testamento Enoch, Esdras e Salomão.

⁸ Belzebu, também Beelzebub: Deus filisteu que passa a ser assimilado pelos judeus da era cristã como “príncipe dos demônios”. (NOGUEIRA, 2000, p18).

⁹ Astaroth, também Ashtoreth: deusa lunar cultuada na mesopotâmia com o nome de Ishtar. (NOGUEIRA, 2000, p18).

¹⁰ Asmodeu, também Aeshma Deva: divindade persa da tempestade, na lenda de Salomão é o rei dos demônios. (NOGUEIRA, 2000, p18).

¹¹ É um monstro marinho que aterroriza as pessoas com sua feiúra, força e tempestades. (FERREIRA, 2001, p.470)

¹² Helenística, referente ao Helenismo: civilização monárquica grega, assim chamadas pela influência dos valores da cultura grega. Politicamente, ela foi formada pela monarquia dos Lágidas, no Egito; dos Selêucidas na Síria; dos Atálidas, em Pérgamo; Antigônidas, na Macedônia e na Grécia. A época helenística encerra-se com a anexação da monarquia dos Atálidas ao patrimônio romano no ano de 30 a .C. (NOGUEIRA, 2000, p.19-23).

No testamento dos 12 patriarcas (109-106 a. C.) aparece pela primeira vez a personificação do diabo na figura de Belial, este seria o chefe dos anjos expulsos da companhia de Deus. Belial se coloca como adversário de Deus, disputando a soberania entre os humanos e incitando-os à fornicação, inveja, ciúme, cólera, assassinato e idolatria.

Nogueira (2000) relata que Constâncio II¹³ e Valentiniano I¹⁴ decretaram banida qualquer prática não cristã como, por exemplo: oráculos, sacrifícios secretos e noturnos, reuniões populares sem a presença da igreja. No entanto não as impediu de acontecerem e, Teodósio II, em 381 d.C., reafirmou esta determinação, condenando, a partir de 385 d.C., à pena de morte quem a descumprisse. O politeísmo oficial foi condenado pela igreja, mas a fé nos deuses (que passaram a ser considerados pela igreja católica como demônios) era camuflada e revestida com aparência cristã. Ritos pagãos eram transformados em práticas cristãs, nas quais o Deus Universal era imposto. Locais pagãos, como santuários e locais de sepultamento, foram transformados em igrejas e cemitérios, na intenção de inibir outras manifestações religiosas, dotando as cerimônias pagãs de um novo discurso, outra roupagem mas, em princípio, não ocultando a origem pagã.

¹³ O segundo dos três filhos e herdeiro de Constantino I, obteve, por morte deste, a prefeitura do Oriente e a diocese de Trácia. A atuação de Constancio II ocupou-se da busca de formulações doutrinárias de compromisso, destinadas a unificar os episcopados oriental e ocidental. Faleceu em 361 d.C. (Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs/Tradução de Cristina Andrade; organizado por Ângelo Di Berardino – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 327).

¹⁴ Imperador Romano do Ocidente de 364 à 375 d.C., embora professado a fé micena, inspirou sua ação religiosa no princípio de neutralidade não apenas por princípios políticos mas também porque reafirmava que, como leigo, não lhe seria lícito julgar em questões de fé. (Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs/Tradução de Cristina Andrade; organizado por Ângelo Di Berardino – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.1398).

O Diabo, antes ignorado na arte cristã primitiva foi, no século VI, representado nas paredes da igreja de Baouit no Egito, segundo Delumeau (1989, p. 239), sob os traços de um anjo, decaído, sem dúvida, e com unhas recurvas, mas sem feiúra e com um sorriso um pouco irônico, sedutor e tentador.

A partir do século XI, ocorre, segundo Delumeau (1990), uma “explosão diabólica” e o diabo passa a ser representado com olhos vermelhos, cabelos e asas de fogo, criatura infernal e tentadora que se apossa ou tortura os homens. É introduzido na cultura ocidental como um vassalo desleal e traidor e passa a ser representado em painéis e pinturas sob formas que mesclam caracteres humanos e animais, sempre assustadores.

Acrescenta, também, que *A Divina Comédia*¹⁵, que contou com desenhistas e pintores como Gustave Doré, Sandro Botticelli, Salvador Dali, Michelangelo e Willian Blacke como ilustradores, representa o marco simbólico desta grande explosão que, na forma de “obsessão, ganha duas representações essenciais, ambas refletidas pela iconografia: um alucinante conjunto de imagens infernais e a idéia fixa das incontáveis armadilhas e tentações que o grande sedutor não cessa de inventar para os humanos”, (Delumeau:1990, p.240). Dentre as pinturas que procuravam representar o reino infernal, o mesmo autor cita a de Taddeo di

¹⁵ *A Comédia*, posteriormente acrescida do adjetivo *Divina*, em edição de 1555 escrita entre 1307-1321, é obra prima de Dante Alighieri. Narrada em versos, descreve uma odisséia (viagem aventurosa) pelo inferno, purgatório e paraíso, com riqueza de detalhes quase visuais. Exerceu grande influência em poetas, músicos, pintores, cineastas e outros artistas que procuram, cada qual na sua arte, representar “inspirações” a partir do texto original. Na odisséia, Dante descreve sua viagem após a morte, iniciando nos “portais do inferno”, atravessando um mundo subterrâneo com rios, cidades, monstros e demônios, até chegar ao purgatório e depois ao paraíso. No inferno e purgatório são expurgados os pecados para poder, finalmente, no paraíso sentir o amor divino que emana diretamente de Deus. (<http://www.stelle.com.br/pt/index_intro.html> . Acesso em 26/02/2006).

Bartolo que, em 1936, decorou a igreja de San Gimignano com um painel que traz no centro Lúcifer em dimensões gigantescas, com cabeça de ogre, chifres e mãos poderosas a esmagar condenados ridicularmente pequenos. No mesmo painel, há outros demônios que desenrolam os intestinos dos invejosos, fazem vomitar os avarentos, impedem os glutões de comer os pratos de farta mesa, chicoteiam os adúlteros, cravam estacas em chamas no sexo das mulheres levianas. Hieronymus Bosch, no século XV, pinta três painéis sobre o “juízo final” e, neles, representa o paraíso terrestre, o jardim das delícias e o inferno, a loucura e a maldade diabólicas desencadeadas com monstruoso sadismo. Em um dos painéis, o demônio tem a cabeça de pássaro de bico longo, e leva um condenado em um cesto. No outro, um demônio carrega, no ombro, um condenado suspenso pelos pés e pelas mãos por uma flecha. Há diabos com turbantes, olhos de fogo, boca de animal feroz, rabo e patas de rato, ventre em forma de grelhas e forno. Outras pinturas trazem diabos com asas de morcego, grandes orelhas, chifres e imagens, nas quais os demônios presidem o castigo dos condenados ou se alimentam das suas almas.

Nogueira (2000) menciona Cesarius que, em 1245, escreveu um livro para instruir os jovens monges de Cister, esclarecendo que Satã não demonstrava seu poder através de calamidades, tormentos e doenças, mas que o gemido do vento e o balançar das árvores seriam indícios da sua presença, podendo também aparecer sob a forma de um animal, um soldado ou um negro. Recorre também a Pierre de Lancre que escreve: “O mundo é um teatro, no qual o Diabo sustenta a parte de muitos e diferentes personagens” .

Desse modo, o diabo assume “*status*” de adversário de Deus e outras representações que provocam grande pavor nos homens. É o anticristo que, representando o mal, leva o homem, como seu subordinado, à desgraça.

O diabo apossando-se do corpo do homem, levando-o a cometer pecados. É freqüente em descrições tanto clericais quanto populares. Delumeau (1990, p. 251) cita a descrição de Bérulle, desde o pecado original sobre essas possessões:

Vitorioso na lição do paraíso terrestre, Satã despojou Adão de seu domínio e atribuiu-se o poder e o império do mundo que estava destinado ao homem desde seu nascimento, do qual usa o título desde essa usurpação. E incessantemente ele o persegue por tentação, não deixando sua alma tranqüila enquanto ela esta nos limites do império que ele conquistou e usurpou de nós. Ele até mesmo invade seu próprio corpo algumas vezes, de modo que, como antes do pecado, incorporou-se na serpente, agora se incorpora dentro do homem.

Essa passagem ilustra as possessões, termo muito comum para indicar o domínio do Diabo sobre o homem. Daí decorrem as idéias de aclamação do demônio como “príncipe do mundo”. Delumeau (1990), analisando a compreensão das noções sobre diabo transmitidas por Lutero e Calvino, verifica que elas não se afastam totalmente das idéias já propagadas pelo catolicismo. Embora discordem da doutrina católica, concordam com o poder dominador do diabo. Lutero, (Delumeau:1990, p. 251) afirma:

Somos prisioneiros do Diabo como de nosso príncipe de Deus...Somos corpos e sujeitos ao Diabo, e estrangeiros, hóspedes, no mundo no qual o diabo é o príncipe e o Deus. O pão que comemos, a bebida que bebemos, as roupas que usamos, ainda mais o ar que respiramos e tudo o que pertence à nossa vida na carne é portanto seu império [...] o demônio vê ferro como se fosse palha e não teme nenhuma força sobre a terra.

Calvino (Delumeau:1990, p.251), destaca o poder diabólico e quão difícil é lutar e resistir contra ele:

Com certeza aqueles que, confiando em si mesmos, preparam-se para batalhar contra ele não compreendem bem com que inimigo estão às voltas, nem quanto ele é forte e astucioso na guerra, nem como está bem armado de todos os lados. Imediatamente pedimos para ser libertados de seu poder como da boca de um leão furioso e esfaimado, estando prestes a ser imediatamente dilacerados e devorados por suas garras e por seus dentes.

Nogueira (2000) relata que devido a crise do feudalismo, anterior à colonização da América portuguesa, houve uma intensificação da miséria e os homens sentiram-se abandonados por Deus. Diante dessa insegurança generalizada, a igreja perde o controle dos fiéis e, num clima de “salve-se quem puder”, em 1508, na Catedral de Estrasburgo, o pregador Geiser diz: “O que há de melhor a fazer é ficar em seu canto e enfiar a cabeça em um buraco, que empenhar-se em seguir os mandamentos de Deus e praticar o bem para ganhar a salvação eterna” (NOGUEIRA:2000, p.90). Essa situação evidencia, segundo Nogueira, o oportunismo da igreja. Aproveitando-se das grandes calamidades, “vende a salvação”, fazendo crer que o homem que “bondosamente” auxiliasse na construção das igrejas ou nas “obras de Deus”, permaneceria próximo desse.

O cristianismo, por meio de ritos e imagens, foi responsável por manter vivo o “medo do sobrenatural” entre a população. Nesse contexto estético e mítico, representantes da igreja relatam muitos supostos ataques malignos, com o objetivo de incutir no povo a fobia em relação a determinados fenômenos. Essas ações favoreceram que populares encontrassem sinais do diabo em situações

diversas, afirmando a presença do mal, principalmente entre doentes, deficientes e idosos, além dos judeus ou cristãos novos, feiticeiros e outros segmentos sociais que oferecessem algum tipo de desequilíbrio para o controle social.

A religião cristã, assumida como “verdadeira”, associa ao demônio todas as demais crenças e a ele atribui situações para as quais a ciência ainda não tinha explicações, como a epilepsia, a paralisia e entorpecimento corporal, entre manifestações físicas ou comportamentais que fugissem à normalidade. Desenvolvia-se a crença de que tais fenômenos poderiam levar à morte, conforme descreve Lutero, citado por Delumeau (1998, p. 255-256):

O diabo já que não é apenas um mentiroso, mas também um assassino (cf. João 8:4), atenta incessantemente contra nossa própria vida e descarrega sua cólera em nós causando acidentes e danos corporais. Daí vem o fato de que a mais de um ele quebra o pescoço ou faz perder a razão; a alguns ele afoga na água e inúmeros são aqueles que leva ao suicídio e a muitas outras desgraças atroz. É por isso que na terra não temos outra coisa a fazer senão implorar incessantemente contra esse principal inimigo. Pois se Deus não nos salvaguardasse não estaríamos, nem por uma hora, a salvo de seus golpes.

Em outro trecho de Lutero, na mesma obra de Delumeau, há referências sobre as influências malignas por meio de outras pessoas, como, por exemplo, as feiticeiras:

*Por intermédio de suas encantadoras (as feiticeiras), Satã pode prejudicar as crianças, cegando-as pela angústia do coração, enfraquecendo-as, fazendo desaparecer inteiramente uma criança e tomando o lugar da criança desaparecida no berço [...]
O encantamento não é [...] nada mais que uma maquinação e um jogo enganador do diabo, seja no caso de ele arruinar um membro, como no atingir o corpo [inteiro] ou então de raptá-lo. Ele também pode muito bem fazer isto aos velhos. Então não é espantoso que assim enfeitiçe crianças. No entanto, tudo isso na verdade não passa de um jogo. Pois aquilo que desarranjou com seus malefícios, pelo que se diz, ele pode curar. Mas em geral ele cura fazendo parecer que a pessoa tenha recuperado o olho ou um outro membro ferido. Pois não havia ferimento, mas ele zombava dos sentimentos daqueles*

que enfeitiçava ou daqueles que viam suas vítimas, a ponto de eles não pensarem em uma ilusão [...]
Tão grande é a astúcia de Satã e o poder que tem de divertir-se às nossas custas! O que há de surpreendente aí: um vidro [colorido] não muda nossas sensações e as nossas cores? Ele zomba portanto muito facilmente do homem por meio de seus encantamentos: este último pensa ver então alguma coisa que contudo não vê, escutar uma voz, o trovão, uma flauta ou uma trombeta que no entanto ele não ouve.

Ainda que sejam representados com corpos de aparência assustadora, os demônios são, segundo o catolicismo, seres de corpos etéreos compostos de ar e luz que podem transportar-se velozmente. Delumeau (op. cit) diz que Cajetano, teólogo tomista de 1518, estudioso de questões sobre corporeidade, atestava sobre a corporeidade dos demônios, anjos decaídos, como portadores de corpos simples capazes de moverem-se sem serem detidos por obstáculos materiais.

Quanto ao local de moradia dos demônios, diz Delumeau (1990) que Santo Tomás Suarez, falecido em 1617, e outros especialistas, tais como Santo Agostinho, concordam que os demônios, condenados ao inferno, vivem num ar tenebroso, abaixo dos céus e acima da terra e daí saem para submeter os homens a provações. Esse autor também diz ter encontrado, em Calvino, referências a “potências de ar”, que seriam os demônios em movimento.

Essa idéia de movimentação do ar relacionada a seres sobrenaturais foi comum na antiguidade, quando os conhecimentos científicos eram insuficientes para explicar os fenômenos naturais. Assim, as chuvas, ventos, tempestades, secas eram interpretadas como ação de anjos bons trabalhando para manter o equilíbrio divino ou como ação do diabo para diabo para subversão da ordem,

como relata Nogueira (2000, p. 30): “os diabos, que jamais conhecem o repouso, são incapazes de deixar os homens em paz, infligindo doenças e provocando calamidades coletivas (secas, más colheitas e epidemias) em que padecem homens e animais”.

O Novo Testamento traz inúmeras passagens sobre o diabo com suas diferentes denominação, destacando o poder de Jesus em curar as pessoas que se encontravam possuídas por tal espírito maligno. Assim, sobre a cura de um jovem possesso existem citações em Mateus, Cap. 17:14-21 em Marcos, Cap. 9:14-24 e em Lucas, Cap. 9:37-43. Desses trechos, transcrevemos o Livro de Mateus:

Quando eles chegaram perto da multidão, um homem foi até perto de Jesus, ajoelhou-se diante dele e disse: Senhor, tenha pena do meu filho! Ele é epilético e tem ataques tão fortes, que muitas vezes cai no fogo ou na água. Eu o trouxe para os seus discípulos a fim de que eles o curassem, mas eles não conseguiram. Jesus respondeu: [...] Tragam o menino aqui! Então deu uma ordem, o demônio saiu, e no mesmo instante o menino foi curado.

Também há relatos de curas de endemoninhados em Cafarnaum nos Livros de Mateus, Cap. 1:21-28 e Lucas, Cap. 4:31-37, de endemoninhado em Geraseno nos Livros de Marcos, Cap. 5:1-14 em Mateus, Cap. 8:28-33 e Lucas, Cap. 8:26-34. E, de um endemoninhado cego e mudo nos Livros de Lucas, Cap. 11:14-23, em Mateus, Cap. 12:22-32 e Marcos, Cap. 3:20-30. O trecho que destacamos é do Livro de Mateus: “Então levaram a Jesus um homem que era cego e mudo porque estava dominado por um demônio. Jesus o curou, e ele começou a ver e a falar [e

disse aos presentes] Na verdade é pelo poder de Deus que eu expulso demônios...”

Há, ainda, relato de curas de enfermidades, como a paralisia e outras doenças, cujo diagnóstico em um dos casos não fica claro, embora o adoecimento seja relacionado ao pecado. Algumas enfermidades foram, claramente, atribuídas ao demônio em trechos dos Livros de João e Lucas transcritos a seguir:

[...] houve uma festa dos judeus e Jesus foi até Jerusalém. Ali existe um tanque que tem cinco entradas e que fica perto do Portão das Ovelhas. [...] Perto das entradas estavam deitados muitos doentes: cegos, aleijados e paralíticos.[...] Entre eles havia um homem que era doente fazia trinta e oito anos. Jesus viu o homem deitado e, sabendo que fazia todo esse tempo que ele era doente, perguntou: Você quer ficar curado? [...] [tendo assentido] Jesus disse: Levanta-se, pegue a sua cama e ande!.No mesmo instante, o homem ficou curado [...] Mais tarde Jesus encontrou o homem no pátio do Templo e disse a ele: Escute! Você agora está curado. Não peque mais, para que não aconteça uma coisa pior”. (João, Cap. 5:1-15).

Certo sábado, Jesus estava ensinando numa sinagoga. E chegou ali uma mulher que fazia dezoito anos que estava doente, por causa de um espírito mau. Ela andava encurvada e não conseguia se endireitar. Quando Jesus a viu, ele a chamou e disse: Mulher, você está curada. Aí pôs as mãos sobre ela, e ela logo se endireitou... (Lucas, Cap. 13: 10-13).

O Novo Testamento conforme consta nos Livros de Marcos, Cap. 1:12-13, em Mateus Cap. 4:1-11 e Lucas, Cap. 4:1-13, também traz passagens que mostram que até mesmo Jesus, a quem eram atribuídos os poderes divinos, sofrera tentações do diabo:

Então o Espírito Santo levou Jesus ao deserto para ser tentado pelo Diabo. E, depois de passar quarenta dias e quarenta noites sem comer, Jesus estava com fome. Então o Diabo chegou perto dele [e o tentou de várias formas tendo Jesus ao final dito] – Vá embora Satanás! As Escrituras Sagradas afirmam: Adore o senhor, seu Deus,

e sirva somente a ele 'Adore o Senhor, seu Deus, e sirva somente a ele. Então o Diabo foi embora, e vieram os anjos e cuidaram de Jesus.(Matheus: Cap. 4:1-11)

Mostra-nos também, o Novo Testamento, que o diabo recorre a estratégias para influenciar o ser humano, como consta nos livros de Mateus, cap. 12:43-45 e Lucas, cap. 11:24-26. Desses dois trechos transcrevemos aquele do Livro de Lucas:

Quando um espírito mau sai de alguém, anda por lugares sem água, procurando onde descansar, mas não encontra. Então diz: 'Vou voltar para minha casa, de onde saí'. Aí volta e encontra a casa varrida e arrumada. Depois sai e vai buscar outros sete espíritos piores ainda, e todos ficam morando ali. Assim a situação daquela pessoa fica pior do que antes.

Outras estratégias seria mudar de forma ou o lugar de “aparição”, como diz o Livro do Apocalipse, cap. 13:1-14 do qual transcrevemos alguns trechos:

vi um monstro que subia do mar. Ele tinha dez chifres e sete cabeças, uma coroa em cada um dos chifres e nomes, que eram blasfêmias, escritos nas cabeças.O monstro que vi parecia um leopardo, os seus pés eram como os de um urso, e a sua boca era como a de um leão. E ao monstro o dragão deu seu poder, o seu trono e a sua grande autoridade.[...] Então vi outro monstro, que subia da terra. Ele tinha dois chifres parecidos com os de um carneiro, mas falava como um dragão. Usava toda a autoridade do primeiro monstro, na sua presença. Forçava a terra e todos os que moram nela a adorarem o primeiro monstro [...] fez coisas espantosas.Fez com que caísse fogo do céu[...] e enganou todos os povos da terra [...]

No Livro dos Atos dos Apóstolos também há referências sobre os milagres realizados pelos apóstolos, relacionados à possessão demoníaca. No capítulo 5:16:, encontramos que “afluía também muita gente das cidades vizinhas a

Jerusalém, levando doentes e atormentados de espíritos imundos, os quais eram todos curados”. Nos capítulos 13:9-11:, e 16:16-18 há menções sobre os atos dos apóstolos para combater mágicas e adivinhações:

Todavia Saulo, também chamado Paulo, cheio do espírito Santo, fixando nele os olhos, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor? Pois agora eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante caiu sobre ele névoa e escuridade e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão.

(...) Certo dia, quando estávamos indo para o lugar de oração, veio ao nosso encontro uma escrava. Essa moça estava dominada por um espírito mau que adivinhava o futuro, e os seus donos ganhavam muito dinheiro com as adivinhações que ela fazia. A moça começou a nos seguir, gritando assim: - Estes homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam como vocês podem ser salvos!. Ela fez isso muitos dias. Por fim, Paulo se aborreceu, virou-se para ela e ordenou ao espírito: - Pelo poder do nome de Jesus Cristo, eu mando que você saia desta moça! E, no mesmo instante, o espírito saiu.

Como podemos ler na Segunda Carta de Paulo aos Coríntios, Cap. 2:10-11:, no novo testamento também encontramos referências sobre a importância de acolher aqueles que se arrependem dos pecados para evitar que voltem a ser “tentados” pelo diabo a cometer novas faltas, e com isso, “levar vantagem sobre Deus”:

“quando vocês perdoam alguém, eu perdôo. Porque quando eu perdôo, se é que de fato, tenho alguma coisa a perdoar, faço isso por causa de vocês, na presença de Cristo, a fim de que Satanás não se aproveite de nós; pois conhecemos bem os planos dele”.

A importância de vencer o maligno também aparece na Primeira Carta de João, no Cap. 2:14: “Escrevo a vocês, jovens, porque são fortes. A mensagem de Deus vive em vocês, e vocês já venceram o Maligno”.

O bem sobrepujando o mal também está relatado no Livro do Apocalipse, Cap. 19:11-21, de onde retiramos alguns trechos:

Em seguida vi o céu aberto, e apareceu um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e combate com justiça. [...] Ele se chama “A Palavra de Deus”. Os exércitos do céu o seguiam [...] Na capa e na perna dele estava escrito este nome: “Rei dos reis e Senhor dos senhores”. [...] Depois vi o monstro e os reis do mundo inteiro e os seus exércitos reunidos para lutar contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. O monstro foi feito prisioneiro junto com o falso profeta, que havia feito coisas espantosas na sua presença. Com aquelas coisas ele havia enganado os que tinham o sinal do monstro e os que haviam adorado a imagem do monstro. O monstro e o falso profeta foram jogados vivos no lago de fogo que queima com enxofre. Os seus exércitos foram mortos pela espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo branco. E todas as aves comeram da carne deles até não quererem mais.

Nesse mesmo Livro, no Cap. 20:1-10, há a descrição da prisão de Satanás:

Então vi descendo do céu um anjo que tinha nas mãos a chave do abismo e uma corrente pesada. Ele agarrou o dragão, aquela velha cobra que é o Diabo ou Satanás, e o amarrou por mil anos. Então o anjo jogou o Diabo no abismo e trancou e selou a porta para que ele não enganasse mais as nações até terminarem os mil anos. Depois desses mil anos é preciso que ele seja solto por um pouco de tempo [...] Depois que os mil anos terminarem, Satanás será solto da sua prisão e sairá para enganar os povos de todas as nações do mundo [...] Satanás os juntará para a batalha, e eles serão tantos como os grãos de areia da praia do mar. Eles se espalharam pelo mundo e cercaram o acampamento do povo de Deus e a cidade que ele ama, mas um fogo desceu do céu e os destruiu. Aí o Diabo, que os havia enganado, foi jogado no lago de fogo e enxofre, onde o monstro e o falso profeta já haviam sido lançados. E lá eles serão atormentados para todo o sempre, de dia e de noite.

Assim, no Novo Testamento, a figura de Satanás também aparece como o “príncipe das trevas”, responsável pelas desgraças e perdição do gênero humano.

Encontramos descrições de viagens ao “reino do além” com embates entre forças do bem e forças do mal. Essa última apresenta-se sob forma de animais perigosos e monstruosos ou capazes de infligir doenças terríveis, misérias e infortúnios. Os representantes de Deus praticam exorcismos fazendo sair multidões de demônios, o que intensifica a especulação de que o diabo está por toda parte e que uma mesma pessoa pode conter uma legião deles. Essa valorização negativa do mal, coloca o diabo como causa, explicação e argumento. Embora freqüentemente utilizado, não se trata do único argumento para converter e manter os fiéis nas religiões que adotam o cristianismo como inspiração.

Delumeau (1990) menciona alguns documentos judiciais de Lorena e Jura, nos anos de 1594 a 1617, nos quais o demônio não aparece com os nomes bíblicos citados, mas, para cada ocasião, dão-lhe um nome: Robin, Pierasset, Greppin, entre outros. Ao todo, dão a conhecer cerca de oitenta nomes para o demônio. Nesses documentos, foi possível verificar também que a cor negra, até então atribuída a ele, não é constante, e que, por vezes, ele aparece na cor azul, amarela, verde, ligando-o a divindades gregas muito antigas. Esse fato levando-nos a um universo politeísta, no qual o diabo é tido como uma divindade entre outras. Nesse caso, a sua figura poderá até ser adulada, já que representa o bem e o mal. A igreja católica, que atribui ao diabo somente o mal refuta e combate tais concepções populares.

As Cartas jesuíticas seguem estilo semelhante, demonstrando a religiosidade presente no cotidiano da colônia, marcada pela figura do mal e do pecado. Certamente esses religiosos estavam influenciados pelos conceitos medievais ainda em Portugal e, por isso, refletiam a grande valorização do

sofrimento inclusive do suplício eterno. Tais características puderam ser encontrados em um dos trechos de uma das Cartas de Santo Inácio, citado por Delumeau (1989, p. 320):

[...] primeiro, ver [...] aquele fogo ingente e as almas como que em corpos em fogo; segundo, ouvir [...] os choros, os berros, os clamores, as blasfêmias [...]; terceiro, [...] sentir[...] o cheiro da fumaça, do enxofre, da imundice e das coisas podres; quarto, [...] provar as coisas amargas, como as lágrimas, a tristeza e o verme da consciência; quinto, tocar...de que modo aquele fogo afeta e queima as almas.

Dessa forma, a presença do mal, não se faz apenas no imaginário popular, mas, ela se torna *quase palpável* à medida que se faz constante nas preocupações diárias. O fato, por exemplo, do homem não se fazer presente nas manifestações religiosas já indicava a presença do diabo manifestando-se por meio do seu inconsciente para guiá-lo. As Cartas Jesuíticas fazem referências de que esta terra, o Brasil, era reinada pelo demônio, pois atitudes contrárias às da igreja eram comuns aos que aqui residiam, como andar nus, comer carne humana, escravizar, mentir, ludibriar, entre outras.

De maneira geral, os cristãos, fossem eles brancos ou negros, declaravam sua fé a um único Deus, mas conviviam “bem” com as vontades do inimigo no cotidiano, embora empenhassem em modificá-los.

Na constante oscilação entre o bem e o mal, Deus e o diabo, matéria e espírito, o homem se torna personagem central. O Diabo e as dúvidas que ele suscita povoam, de maneira expressiva, o universo do pensamento dos homens e das mulheres expostos aos ensinamentos dos mensageiros da igreja, levando a

formulações de representações que determinam o estilo de vida, criando um movimento resultante da correlação entre as forças que impelem à mudança, ao desequilíbrio e aquelas que procuram conter o movimento, impedir os desequilíbrios e manter a sociedade sob controle.

4. ANÁLISE DAS CARTAS JESUÍTICAS

Como relatado nos capítulos anteriores, o diabo ou as crenças e questões relacionadas a um “mal sobrenatural” são muito anteriores ao período da colonização brasileira. Algumas concepções resistem ao processo de expansão marítima e podem ser encontradas nas Cartas Jesuíticas do século XVI (NAVARRO, 1988). Tais Cartas consistem na troca de informações entre a colônia e a Coroa portuguesa e também entre os jesuítas espalhados nas Capitânicas, tais como a Bahia (Porto Seguro, Itapuã, Ilhéus), Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo (Santos, Itanhaen, Piratininga, São Vicente) ou em missões em outros

países, tais como a África e Portugal (Coimbra e Lisboa). Tinham o objetivo de informar como transcorria o trabalho de catequização indígena. Os padres descreviam, nessas Cartas, as suas impressões sobre os índios, sobre os cristãos, sobre os engenhos, sobre a questão da escravidão indígena, os pecados, as dificuldades materiais e espirituais e também, sobre a presença do “inimigo”. A análise de conteúdo desses relatos permite-nos identificar como os padres jesuítas percebiam o “mal” e abre possibilidades para conhecer as formas de pensar predominantes nessas épocas e nesses lugares. Possibilita saber, de que maneira aquela comunidade ainda, que se formava sob orientações cristãs compreendiam o significado do diabo, elaborava suas representações e o quanto eram por elas influenciados.

Analizamos as Cartas do Padre Manuel da Nóbrega, Antonio Pires, Antonio Gonçalves, Antonio de Sá, Ruy Pereira, Antonio Blasquez e Francisco Pires datadas do período de 1549 á 1568.

As Cartas Jesuíticas trazem, com grande freqüência, a presença de um “inimigo invisível” que se manifesta no comportamento dos índios, das mulheres, dos feiticeiros e também, quando a obra catequética é prejudicada. Sendo assim, nosso trabalho de análise das Cartas centra a atenção no diabo, personagem ao qual são atribuídas as responsabilidades por diversos males, e tido como a personificação da causa mais remota de quebra da ordem social imposta pelos colonizadores.

4.1 A obra colonizadora e catequética

O trabalho colonizador, objetivo principal da vinda dos jesuítas ao Brasil-colônia, consistia de questões práticas: fundar vilarejos, organizar os índios, dividindo-os em casas para moços e casas para as moças, identificar o que poderia se aproximar do modelo de família e os nuclear, organizar plantações e criação de animais, construir igrejas ou casa de orações. Esse processo, imposto no território, alterava drasticamente a compreensão que os índios tinham de organização social, mudava a geografia, e os costumes e ritos, na medida que ensinava ao índio o significado da palavra liberdade, aprendizado que se dava não pela sua vivência, mas pela sua negação, por meio da dominação. No processo de construção dessa nova nação, os Jesuítas foram peça fundamental para a transformação de um povo tido pelos colonizadores como inculto. Para tanto foi necessário, além da imposição da fé, a mão forte da Coroa. A fé, modelada pela noção do pecado é o foco principal deste trabalho, pois o pecado, como algo maligno, origina-se no diabo que, astutamente, leva os homens a cometê-lo.

O propósito de catequização que movia os jesuítas requeria trabalho de convencimento dos índios, os quais eram levados a professarem a fé proposta. Todas as dificuldades que encontravam para impor essa hegemonia era atribuída às interferências do diabo nas obras, aqui entendidas como quaisquer ações que precisassem realizar para atingir o fim a que se propunham.

O padre Nóbrega, provincial do Brasil, utilizou o Diabo como recurso discursivo pela primeira vez, enquanto inimigo da obra catequética, em carta de 1549, enviada ao Dr. Navarro:

Convidamos os meninos a ler e escrever e conjunctamente lhes ensinamos a doutrina christã e lhes pregamos para que com a mesma arte com que o inimigo da natureza venceu o homem dizendo: Eritis sicut dii scientes bonum et malum¹⁶, com arte igual seja elle vencido, porque muitos se admiram de como sabemos ler e escrever e têm grande inveja e vontade de aprender e desejam ser christãos como nós outros (NÓBREGA, 1988, p. 91-92).

O padre faz referência à retórica diabólica, quando se reporta à arte da leitura e da escrita, pois o diabo, com suas artimanhas, convence, é ótimo orador e, sendo assim, o aprendiz, ou seja, o homem “instruído nas coisas do Senhor” teria menor chance de cair nos caprichos do inimigo. Para os padres da Companhia de Jesus, as “escolas de Bê-a-bá¹⁷” eram, naquele momento, a melhor opção para ensinar aos índios a língua, a doutrina religiosa e a cultura portuguesa cristã. Eram espaços que despertavam curiosidade nos índios, já que a ação de registrar os acontecimentos, de escrever bilhetes era-lhes novidade, assim como as roupas, as casas, a comida, os costumes, inclusive o conceito de “família”, novo para eles.

Nessa mesma Carta, Nóbrega diz que os homens e as mulheres que aqui viviam eram como papel branco e, ignorando a cultura local, também os considerava muito influenciáveis. Acreditando, por isso, que se a Coroa mandasse para cá outros religiosos, o trabalho de conversão seria mais rápido e fácil. Justifica seu ponto de vista descrevendo o caso de um índio que, por matar um homem branco, foi considerado como tendo seu corpo possuído pelo diabo. Nesse caso, teria sido o diabo que o levara a cometer o pecado de matar. Ressalta que, para mostrar ao “inimigo” que a fé tinha força contra ele, fez-se a punição do índio,

¹⁶ Sereis como Deuses conhecendo o bem e o mal.

o qual fora entregue pelos seus ao Governador. Esse, por sua vez, “o mandou collocar á boca de uma bombardarda e foi assim feito em pedaços: isto pôz grande medo aos outros que se abstiveram de andar pelas aldeias, o que foi serviço de Deus” (NÓBREGA, 1988, p. 94).

Nas suas cartas, Nóbrega descreve os índios como incultos, sem nenhum conhecimento de Deus ou do diabo, sem resquícios de crenças ou entidades de adoração, ou seja, papel branco, para os quais se deve ensinar o indispensável sobre a cultura cristã, para evitar que, por serem folhas em branco, sejam, então, preenchidas pelo diabo.

Na Carta, o padre não menciona os motivos que levaram o homem branco à morte. As explicações são sintetizadas no fato do “inimigo impedir o bom sucesso da obra”. E os índios, por serem folhas em branco, são fracos e pouco resistentes à influência do diabo. Eles têm, por esse motivo, seus atos justificados e punidos sempre em relação ao que os colonizadores atribuem como impedimentos ao aprendizado da cultura européia e ao processo de colonização, criando uma política de medo e coerção. Descrição sobre os usos locais pode ser visto num trecho da Carta enviada à Coroa, em 1549, por Nóbrega:

Os gentios são de diversas castas, uns se chamam Goyanazes outros Carijós. Este é um gentio melhor que nenhum desta costa. Os quaes foram, não há muitos annos, dous frades Frades Castelhanos ensinar e tomaram tão bem a doutrina que têm já casas de recolhimento para mulheres, como de freiras e outras de homens, como de frades. E isto durou muito tempo até que o Diabo levou lá uma nau de salteadores e captivaram muitos delles. Trabalhamos por recolher os tomados e alguns temos já para os levar á sua terra, com os quaes irá um padre dos nossos. (Nóbrega:1988, p. 98)

¹⁷ Os padres jesuítas, em suas cartas, mencionam as “escolas de be-a-bá” ou simplesmente “escolas” quando se referem aos espaços utilizados no processo evangelizador.

Neste trecho, verificamos referência à presença de outros religiosos que aqui já estavam no período em que os jesuítas chegaram. Os religiosos da ordem de São Francisco, zelosos na conversão do gentio, aportaram, segundo Anchieta (1964), em Porto Seguro, logo depois da povoação dessa capitania. Enquanto obra catequizadora, o Diabo representa um estorvo, independente da ordem a qual pertença o religioso. Por levar a palavra de Deus, a eles são eliminados os impedimentos, o que faz com que a presença jesuítica seja imprescindível ao trabalho de colonização. Além de já iniciado se realizava com um grupo de índios “melhor que nenhum desta costa” .

Nóbrega (1988) diz que os religiosos, mesmo esclarecidos nas “coisas do Senhor”, também podem ser influenciados ou tomados pelo diabo, como relata num trecho de carta em 1551, enviada aos padres e irmãos. Nela ele cita que os clérigos desta terra tem mais ofício de demônios do que de padres pois, além de seus maus hábitos e péssimos exemplos, dizem aos índios que é lícito estar em pecado. Segundo o padre Nóbrega, os maiores demônios desta terra são esses religiosos que, por serem padres, desdizem os ensinamentos jesuíticos provocando certo desconforto quando são questionados pelos índios, os quais ora pensam estar em pecado, ora pensam não estar. Para ilustrar esses fatos, recorreremos a um trecho de Carta de 1550, enviada ao padre Simão Rodrigues, ele diz:

A Vossa Reverendíssima direi uma cousa mais para se lastimar do que se escrever; um sacerdote da religião, communicado do Diabo, levou um dia o principal de uma aldeia ao seu adversário para faze-lo matar e

comer, o que não querendo pôr em prática o adversário, allegando que para tal effeito quizera apanhal-o na guerra e não por astucia, o sacerdote começou de incital-o chamando-o vil e pusillanime por não matar o seu inimigo, tanto que o fez e o comeu, sem outro proveito daquelle Religioso sinão que teve não sei que pouca de fazenda. Eguaes casos frequentes vezes acontecem e por isto digo que quanto mais longe estivermos dos velhos Christãos que aqui vivem mais fructo se fará.(Nóbrega:1988, p. 108)

O padre Nóbrega, grande político, como outros religiosos também adota o diabo como culpado de qualquer fato que pudesse desviar seus propósitos, ou quando desejava impor sua verdade e afastar possíveis adversários ou impedimentos. Ressaltava que o diabo, como representante do mal, poderia ser encontrado em todas as divergências.

Em outra carta do padre Nóbrega, enviada, em 1561, ao padre Diego Laynes, em Roma, onde se refere ao padre Luiz da Grã e ao diabo:

Esta opinião do Padre [Luiz da Grã] me fez muito tempo não firmar o pé nestas cousas, até que me resolvi e sou de opinião (salva sempre a determinação da santa obediência) de tudo o contrario, e me parece que a Companhia deve ter e adquirir justamente por meios, que as Constituições permitem, quanto puder para nossos colégios e Casas de Rapazes; e, por muito que tenham, farta pobreza ficará aos que discorrerem por diversas partes. E não devemos de querer que sempre El-Rei nos proveja, que não sabemos quanto isto durará, mas todas as vias se perpetue a Companhia nestas partes, de tal maneira, que os operários cresçam e não minguem. E até se fosse tanto, não teria por desacertado adquirir-se para Casa de Meninas dos gentios de que tivessem cargo mulheres virtuosas, com as quais depois casassem estes moços que doutrinássemos. E temo que fosse esta grande invenção do inimigo vestir-se de santa pobreza para impedir a salvação de muitas almas.(Nóbrega:1988, p. 381-394).

Para o trabalho catequético e também colonizador eram necessários recursos materiais, de modo que, para manter, as “escolas de bê-a-bá”, a igreja, as vestimentas, e a alimentação, os padres aceitavam doações. A Coroa pouco

provinha os religiosos de condições financeiras para a manutenção deste trabalho. Desse modo, o trabalho jesuítico sustentava-se, principalmente, dos “favores” dos donatários das capitanias e dos principais das aldeias, os quais, muitas vezes coagidos, “ofereciam” o que comer em troca de mão-de-obra para a construção dos aldeamentos. O padre Nóbrega, ciente do importante auxílio dos índios e dos dízimos, viu que a nova determinação da Coroa portuguesa, que proibia a aceitação dos donativos e do auxílio de mão-de-obra indígena, determinação esta de responsabilidade do novo Provincial o padre Luiz da Grã, um fator impeditivo para a realização e continuidade do trabalho iniciado por ele, e político, como vimos acima, reveste esta determinação de intenções diabólicas, e indica que o padre pode estar sendo vítima do Diabo.

Outros jesuítas também fazem referência a manifestações do diabo em religiosos de outras Ordens. Navarro (1988) cita que o padre Antônio Pires, em carta endereçada a Companhia de Jesus em Portugal, afirma que os índios lhe davam pouco crédito, pois achavam que os padres os enganavam. Isso acontecia porque alguns clérigos e alguns leigos, que o padre classifica como “ministros de Satanás”, no início mentiam, roubavam e escravizavam os índios, mas que agora o trabalho, depois de muita conversa e dedicação, vem contando com um maior número de índios que também tem mandado seus filhos para doutrina.

Observamos, portanto, que a indicação de outros religiosos como “possuídos pelo Diabo” não era feita apenas pelo padre Nóbrega, mas também pelo padre Pires e outros que de alguma forma fazem algum tipo de referência às manifestações diabólicas em religiosos de outras Ordens. Na referência de

Navarro (1988), o padre Antonio Pires refere-se à intenção dos gentios de se tornarem cristãos pois “começam a conhecer a verdade e o continuo amor com que os padres os tratam e conversam”. Sugere-nos refletir sobre o impacto provocado pela chegada de centenas de portugueses que se fizeram senhores da terra, transformando os índios como mão-de-obra escrava. Os padres, segundo as Cartas Jesuíticas, chegavam aos aldeamentos com as cruzes em punho, batendo tambor e orando.

A permanente e incessante busca da conversão ao cristianismo através de ritos religiosos como, por exemplo, as procissões, as missas, atividades teatrais, e entre outras, eram feitas com veemência fervorosa de se louvar a Deus e afastar o diabo. A religiosidade era explícita e primava pela louvação e sacrifício, como relata, em 1566, o Padre Antonio Gonçalves em carta enviada ao provincial de Portugal:

Pregou-se a Paixão com muita devoção e sentimento e lagrimas dos ouvintes, e certifico-lhes que nunca vi tantas lagrimas em Paixão como vi nesta, porque des o princípio até o cabo foi uma contínua grita, e não havia quem pudesse ouvir o que o Padre dizia e isto assi em homens como em mulheres, e sahiram algumas cinco ou seis pessoas quasi mortas, as quaes por muito espaço não tornaram em si, e outras que com medo do mesmo não ousaram de esperar toda a pregação (GONÇALVES: 1988, p. 503).

Assim como o inimigo poderia apoderar-se do corpo de um indivíduo, cristão ou não, e levá-lo a cometer o pecado, o diabo apresenta-se também capaz de provocar catástrofes ambientais, chuvas, tempestades ou grandes períodos de seca. Em Carta do padre Antonio de Sá, de 1559, escrita aos irmãos de congregação em Portugal, ele faz o seguinte relato:

Mil impedimentos há posto o inimigo para que esta aldea de Vasco Fernandes não se ponha por obra, por que, como determinamos de residir nella, teme já a perda que ha de receber com a nossa estada, e daqui vem que estando muitas vezes os Indios a ponto e não faltando nada nada para que se puzesse logo a mão, dahi a pouco achava-os logo transtornados com cousas que outros lhes mettiãem em cabeça, pretendendo com ellas excusações para impedir o começado. Algumas vezes lhes reprehendia esta sua inconstancia, comparando-os aos meninos que por nada se enojam e creem quanto lhes dizem. Tudo me soffrem, porque entendem que os amo e busco por todas as vias seu proveito. Uma vez foi lá o Padre para apontar o que era necessario para o sitio de nossa igreja e casa. Concluiu-se por então lá que elles, por haver pouco que haviam feito suas casas novas, não se mudassem daquelle logar, e que elles fariam uma igreja para qualquer parte que desejassemos. Com isto nos viemos com proposito de tornar lá para concluir o negocio, o domingo seguinte; mas o Demonio não deixou de fazer das suas, por que, estando para partir, sobreveio tão grande chuva que quasi nos fazia deixar aquillo para outro dia, mas o Padre, como bom zelador destas almas, conhecendo ser isto obra do inimigo, disse que, ainda que chovesse a cantaros, haviamos de ir para confusão do inimigo. Fomos nós outros levando pelo caminho grande agua; mas em chegando á aldea, cessou logo de chover, por donde conhecemos todos ser impedimento do inimigo (SÁ: 1988, p. 245).

As chuvas ou as tempestades eram atribuídas ao diabo da mesma forma que eram também resultado da punição de Deus pelos pecados cometidos. Esse dualismo aparece em distintos acontecimentos, como se pode ler na Carta de 1561, do padre Ruy Pereira aos irmãos da Companhia em Portugal:

E nos que estariamos ao mar 60 leguas em uma naveta rasteira de proa e mal lastrada da segundo diziam, dá-nos uma tormenta de Les-nordeste que durou seis dias, tão furiosa, que com terem levado debaixo a caixaria e tudo que poderia servir de lastro, um sabbado pola manhã nos acommetteu com tanta furia que soçobrou o navio, de modo que ia correndo com o bordo por debaixo da agua tanto que creio que ia a agua por cima do convez, entrava corrente até entrar pola escotilha, com quanto o outro bordo ia ao ar. Em quanto a gente andava acodindo ás obras do navio, nós estavamos a confessar-nos e a confessar outros, e a deitar Agnus Dei e reliquias ao mar (o que me deu o irmão Segurado

e vai em tres pedaços á honra da Trindade, si outro tem e me quizer mandar, receberei por caridade, para estas e semelhantes pressas). Finalmente chegou a cousa a tanto que não fazia conta mais que da outra vida. Todavia Deus, que mais nos quiz ameaçar que castigar, ou que quiz que não acabassemos em tão poucos trabalhos nosso curso, amansou a furia do vento e mar que a olhos vistos de um bocado nos queria engolir, e tomando o vento em popa deram volta e fomos tomar a capitania dos Ilhéos. (PEREIRA:1988, p. 308-309)

Nos textos jesuíticos, a natureza parece mover-se em função da missão religiosa da Companhia ou da luta desta contra o diabo, uma concepção bem distante da de universo mecânico do século XVII e XVIII.

Assim como alterações ambientais eram, ora atribuídas ao diabo, ora a Deus, algumas mortes eram também justificadas como ação do inimigo ou punição divina. A carta de Antonio Blazquez enviada da Bahia ao Padre Geral, em 1558, traz uma referência ao filho do governador Mem de Sá, Fernão de Sá, morto quando foi enviado para socorrer a capitania de Espírito Santo:

Mas sempre o inimigo o inimigo de todo o bem busca estorvos grandes, e um delles foi a morte do filho do Governador, o qual, sendo mandado por seu pae a socorrer a capitania do Espirito Santo com certos homens, foram dar onde não os mandavam e, comtudo, renderam duas cercas, onde mataram muitos Gentios e prenderam boa parte delles; com este bom successo, querendo o Capitão seguir a victoria, deu na terceira cerca, onde se acabava tudo de vencer; nesta o deixaram todos os seus, só com dez homens a pelejar e se acolheram aos navios, uns para curarem algumas feridas de pouco momento, outros para arrecadarem suas peças, o que elles mais desejavam [...] até que os Indios attentaram que eram tão poucos, com o que cobraram animo e carregaram sobre elles e fizeram-n'os vir recolhendo até aos navios e quiz a desventura que lhes haviam deixado, que foi desconcerto nunca ouvido, e ali, na praia, pelejaram um grande espaço, esperando socorro dos navios, e ao cabo nunca lhes veiu, e ali mataram o Capitão, com cinco, porque os outros salvaram-se a nado [...] Outro estorvo maior que este temos, e é que, como a gente desta terra não busca, nem pretende a gloria de Deus, nem o bem universal, sinão o seu próprio todos são em estorvar esta obra. (BLASQUEZ:1988, p. 215)

Ao diabo foi atribuída a culpa e a ganância da conquista deixada de lado. Esses homens portugueses morreram como resultado da guerra que, inclusive, segundo o relato, foi contra uma população indígena incerta, já que a expedição seguiu para o lugar errado. A morte do filho do governador, no caso, não foi resultado da falta de estratégia e sim, um percalço imposto pelo inimigo. O padre cita, ainda, o fato de os índios não terem procurado pelo Deus português e que, essa sim, é uma luta sem vitória.

Contudo, em outra Carta deste padre, escrita da Bahia, em 1559, ele diz:

Há também pessoas [...] que seguem as confissões e tomam o Santissimo Sacramento todos os domingos, no que não são mui contrariados, porém sempre o Demonio tem ficado vencido, dando o Senhor aos seus a vontade e esforço de levar avante o seu bom proposito começado, por mais dificuldades que de permo se puzessem (BLASQUEZ, 1988, p.250).

O descrédito dos nativos em relação à catequização e colonização é relatada com frequência nas Cartas Jesuíticas, mas a crença e persistência dos padres em levar a obra, mesmo diante das dificuldades, é sempre colocada em evidência, como qualidades dos missionários na luta contra o “mal”.

Neste duelo entre a igreja e o diabo, a oratória é um instrumento importante na persuasão de novos adeptos à crença, seja maligna ou cristã, como nas referências feitas pelo padre Nóbrega e também na Carta de 1558, do padre Francisco Pires:

No primeiro domingo começou o Padre a prégar com grande fervor e ás sextas-feiras á noite eu com grande tibieza; mas, segundo parece, o Demonio se poz da sua parte em desafio contra nós; estou a dizer que venceu, porque é um antigo pregador e traz nesta terra muitos cegos em sua falsa doutrina; finalmente moveu demandas e nellas muitos negocios entre os Principaes da villa: a alguns se atalhou, outros correm o seu curso e lá hão de chegar. (PIRES:1988, p. 220)

Sobre os negócios a que este trecho se refere, a Carta não traz maiores informações, mas os relatos sugerem tratar-se da compra e venda de escravos, de bigamia, antropofagia, ou feitiçaria, ações estas que aparecem com muita frequência nas cartas e que são relacionadas as ações do “inimigo” sobre o indivíduo.

4.2 Os índios

O choque cultural entre índios e portugueses não foi somente dos primeiros em relação às imposições a que foram submetidos no processo de colonização. Os portugueses também tiveram reações de estranhamento em relação aos costumes dos nativos.

Como relata Navarro(1988. p.198-199) da Carta do padre Antonio Blasquez, de 1557, são descritos rituais de antropofagia: “isto que nós tanto abominamos, [...] matar sete contrários que havia muito que os tinham em cordas para comer”. Nessa carta, pode-se encontrar, ainda, informações sobre as condições das moradias: “casas escuras, fedorentas e afumadas, em meio das quaes estão uns cântaros como meia tinas, que figuram as caldeiras do inferno”.

Nas Cartas do padre Nóbrega, esse estranhamento a respeito do modo de vida dos índios também é relatado:

Mas é de grande maravilha haver Deus entregue terra tão boa, tamanho tempo, a gente tão inculta que tão pouco conhece, porque nenhum Deus têm certo, e qualquer que lhes digam ser Deus o acreditam, regendo-se todos por inclinações e appetites sensuaes, que esta sempre inclinado ao mal, sem conselho nem prudência. Têm muitas mulheres [...] Fazem guerra, uma tribu a outra [...] não possuem de seu mais do que lhes dão a pesa, a caça e o fructo que a terra dá a todos [...] vão ao pau, á pedra ou á dentada e assim comem diversos animaes, como pulgas [...] Quando morre algum delles, enterram-no em posição de quem está assentado, em frente lhe põem de comer [...] Tem grande noção do Demonio e têm delle grande pavor e o encontram de noite, e por esta causa sahem com um tição, e isto é o seu defensivo. Sabem do diluvio de Noé, bem que não conforme a verdadeira história; pois dizem que todos morreram, excepto uma velha que escapou em uma arvore. (NOBREGA:1988, p. 90-91)

Neste trecho da Carta de Nóbrega, enviada, em 1549, ao Dr. Navarro, mestre em Coimbra, observamos a descrição de vários aspectos da vida indígena, como seus hábitos alimentares, seus hábitos de cura, suas guerras e sua organização social. Foca, principalmente, as questões que provocavam ao português um certo desconforto, como por exemplo, a bigamia e a antropofagia, ações que os padres acreditavam ser induzidas pelo diabo. No trecho citado, o padre Nóbrega parece acreditar que aqui havia um povo inculto, sem um Deus. Ao mesmo tempo, este mesmo povo se apercebe de um mal sobrenatural que pode ser combatido com fogo. A Carta não traz mais informações sobre a aparência desse diabo e que males pode causar, mas afirma que os índios o conhecem e que o temem. O padre diz que os índios não têm conhecimento de gloria nem inferno e que somente dizem que quando morrem vão descansar a um

bom lugar. Dormem em grandes casas de palma e, nelas, chegam a dormir 50 índios com suas mulheres e filhos em redes ao lado do fogo, que é aceso toda noite, pois afasta os demônios e, mesmo quando saem para fora das casas, levam sempre a mão uma tocha pra lhes abrir o caminho.

O diabo é combatido pelos índios com a arma que o cristianismo acredita ser o seu lar e um trunfo. Segundo Delumeau (1990), a iconografia demoníaca européia dos séculos xiv a xvi foi enriquecida por elementos assustadores, provenientes do oriente, e exportou dragões de asas membranosas e diabos com asas de morcego e seios de mulher que soltavam fogo pelas ventas.

Nóbrega parece buscar, na cultura indígena, situações conhecidas como rituais cristãos. Por exemplo, o dilúvio de Noé, o demônio ou Deus para, justificar sua própria crença – o catolicismo, como anterior, maior, a gênese de qualquer crença que possa ter surgido e se desenvolvido erradamente a partir daquela que poderia ser considerada única e verdadeira.

No trabalho de catequese, Nóbrega (1988, p. 99) exemplifica, ainda, que esse povo, por não conhecer ou adorar um Deus, não tinha exata noção do que isso significava na prática. Veneravam os trovões, chamados por Tupane, como “coisa divina”. Nóbrega, aproveitando-se da situação, associou o trovão a Deus, que passou a ser, por ele e pelos índios, chamado de “Pae Tupane”: aquele que nos observava de cima, mandava na chuva e no sol, na doença e na cura. Nóbrega foi criticado, inclusive por outros jesuítas, devido a seus métodos catequéticos de adaptar o vocábulo e as cerimônias religiosas, as quais passaram a se realizar na colônia com muito mais musicalidade e encenações teatrais,

justificando ser essa a melhor forma de fazer os índios entenderem a grandiosidade do Deus cristão.

As atividades religiosas públicas despertavam a curiosidade do índio e as manifestações teatrais os incitavam a conhecer a igreja, os padres, o idioma e a religião. O padre Nóbrega descreve, nas suas Cartas, as cerimônias realizadas pelos índios em suas aldeias, destacando que, nelas, havia muita dança e música e que havia muita fartura de comida e bebida. Essas observações o levou a adaptar as cerimônias cristãs às expressões culturais dos índios como atrativos para diminuir as resistências dos mesmos ao modelo de vida cristão.

Algumas cerimônias descritas pelo padre referem-se ao índio como instrumento do diabo pois, nelas, o índio bebe demasiadamente e se envolve com várias mulheres, ou seu corpo é tomado por uma dança ensandecida, ou come a carne de seus inimigos. Raspar as pestanas, pintar o corpo e, nele, colar penas, flores e folhas, furar as ventas e orelhas e, nelas, pendurar ossos e paus eram ações suficientes para indicar, segundo a moral cristã da época, a influência do mal sobre eles.

Atribuir as expressões da cultura indígena como manifestações do diabo foi comportamento usual dos jesuítas que, se consideravam investidos de autoridade para combater tais práticas. Essa combate foi intensificado quando, a partir do maior contato com o homem branco, o índio conheceu a escravidão, o roubo e a mentira, como pode ser visto na carta de 1559, do padre Antonio de Sá:

[...] veio logo outro dia de manhã, e posto de joelhos diante do Padre, lhe pedia com humildade lhe perdoasse. Aggravou-se por mandato do Padre seu peccado, dizendo-lhe quão mal havia feito em vender a filha

de sua irmã, ao que respondeu que era verdade que havia feito grande mal e tam bem sabia que, por o Senhor estar enojado contra elle, lhe morrera aquelles dias sua filha; mas que o Demonio havia entrado nelle e fizera que elle fizesse aquilo, porém que estava aparelhado a fazer qualquer penitencia que lhe impuzessem por seu peccado. Deu-se-lhe a [...] penitência [...] e foi por toda a vila açoitando-se, pregando mui alto e manifestando sua culpa. (SA: 1988, p. 244)

A idéia de possessão é muito mais comum do que os relatos da presença física do diabo. Mas, uma carta de 1551, do padre Navarro (1988, p. 97) diz: “Têm o Demônio muito domínio nelles, o qual dizem que algumas vezes lhes apparece visivelmente e que lhes dá e atormenta outras vezes asperamente”.

A crença de que o diabo induz ao pecado, ou se apropria corporalmente do indivíduo para cometê-lo, mostra tanto o poder atribuído a esse ser pela religião cristã como as limitações da ciência para ajudar o homem da época a compreender os fenômenos naturais.

Nos limites das possibilidades, o cristianismo promove o medo e incute a idéia de que a auto flagelação é a maneira mais adequada de agradar a Deus e expiar os pecados cometidos. O índio citado no trecho da Carta de Sá, reconhece-se pecador e merecedor do inferno, declarando-se propenso à danação eterna. Acaba “aceitando” a ideologia cristã. É evidente que, diante das epidemias (gripe, varíola, entre outras), havia uma intensa busca de respostas. Um Deus desagradado é uma delas então, aceitar a ideologia jesuítica era a possibilidade de diminuir as mortes epidêmicas e também a repressão.

Comportamentos dessa natureza indicavam o bom desenvolvimento do processo de colonização, segundo a expectativa portuguesa. Esses fatos precisavam, ou convinham, serem relatados à Coroa. Em Carta de 1552, segundo

o padre jesuíta Francisco Pires, o responsável pela capitania da Bahia, relata a participação dos gentios nas atividades religiosas:

Os Christãos dos Gentios que permaneceram, são taes que envergonham minha frieza. Tão bem sabem quando vem o Domingo, como eu, e não erram nenhum; e si algum Gentio falla mal dos Brancos, elles são os primeiros que vêm se offerecer para castigar os ruins; e dizem que já não têm outros parentes sinão os Christãos. (PIRES:1988, p.154).

Eram comuns as práticas de cooperação entre os representantes do governo e da igreja, de modo que, em nome de Deus, o Governo adota medidas punitivas, como se pode ver na Carta do padre Antonio Pires, de 1558. Nessa Carta, o jesuíta relata ao Papa as providências do Governador Men de Sá contra a antropofagia, justificando tratar-se de prática diabólica. Destaca a proibição a que se comesse carne humana e o estabelecimento de punição aos desobedientes. Tendo sido informado da ocorrência de uma desobediência ao estabelecido:

“mandou prender o primeiro que a comeu e, sem chamar a conselho mais que o Espírito Santo, porque cremos elle ser neste negocio ensinado, porque sabia que havia de vir o Demonio com suas contradictas que nunca lhe faltam, [...] mandou prender [...] pae e filho do que nasceu grande temos a todo Gentio e muito maior pesar ao Demônio, por lhe estorvarem cousa de tanta perdição das almas (PIRES, 1988, p. 154).

O padre Nóbrega, em Carta enviada a Thomé de Sousa, em 1559, discorre sobre o que considera um dos maiores pecados desta terra: os homens brancos e também alguns maus padres que, apesar de batizados e chamados de cristãos,

não tinham comportamento exemplar. Constatemos de que maneira essas opiniões eram abordadas na referida Carta:

Clérigos e dignidades amancebados, com suas escravas, [...] que achavam de ter quem os servisse, e logo começavam a fazer filhos, e fazer-se criação, porque convinha [...] porque quando elles não tinham escravas nem com quem as comprar era peor, porque [...] a buscarem-nas com escândalo da terra e de seus visinhos [...] Começaram também [...] a dispensar os sacramentos e desatar as ataduras que nós detínhamos ás almas, dando o santo a cães e as pedras preciosas a porcos [...] E assim [...] as casas d'esta terra, todas se acharão cheias de peccados mortaes, cheias de adultérios, fornicações, incestos, e abominações [...] Não há paz, mas tudo odio, murmurações e detrações, roubos e rapinas, enganos e mentiras; não há obediência nem se guarda um só mandamento de Deus e muito menos os da Egreja [...] Em todas estas capitánias, além d'estes peccados [...] notei outros [...] que têm sua raiz e principio no ódio geral que os christãos têm ao Gentio, e não somente lhe aborrecem os corpos, mas também lhe aborrecem as almas, e em tudo estorvam e tapam os caminhos de Christo [...] a fazer aos Gentios que se comam e se travem uns com os outros [...] e isto approvam capitães e prelados, ecclesiasticos e seculares [...] que, nas guerras passadas que tiveram com o Gentio, sempre dão carne humana a comer não somente a outros Índios, mas a seus proprios escravos. Louvam e approvam ao Gentio o comerem-se uns aos outros, e já se achou Christão a mastigar carne humana, para darem com isso bom exemplo ao Gentio. Outros matam em terreiro á maneira dos Índios [...] ò Christãos tão cegos! Que, ao invés de ajudarem ao Cordeito, [... vão] seguindo a bandeira de Lúcifer homicida e mentiroso{[...] quanto maior é a cegueira e bruteza do Gentio e sua erronia, tanto mais havia o verdadeiro Christão apiadar a ter delle misericórdia [...] Outro peccado [...] foi ensinarem os Christãos aos Gentios a furtarem-se a si mesmos e venderem-se por escravos [...] os mais desamparados que há entre elles [...] e si morrem os enterram em monturos, porque delles não pretendem mais que o serviço e pata terem mais quem os sirva, trazem Gentios á casa para se contentarem de suas escravas, e assim estão amancebados Christãos com Gentios [...] Pois que direi das tyrannias, agravos e sem razões que se fazem aos Índios [...] de maneira que a sujeição do gentio não é para se salvarem e conhecerem o Christo [...], sinão para serem roubados de suas roças, de seus filhos e filhas e mulheres, e dessa pobreza [...] quem disse usa mais, maior serviço lhe parece que faz a [...] seu senhor, o príncipe das escuridades (NÓBREGA, 1988, p.194-198).

A transcrição dos trechos, ainda que longa, foi importante, no nosso ponto de vista, porque elucida que também aqueles que deveriam ser mensageiros do bem, os clérigos e brancos cristãos, eram dominados pelo diabo, tornando-se seu porta-voz. Nóbrega(1998, p.200-205), na mesma Carta, fez que esses fatos transformaram as novas terras numa “Babylonia” reinada pelo

inimigo da geração humana [que] trabalha para estorvar e nos desconolar, tomando por seu instrumento muitos maus que há nesta terra, os quaes não favorecem nada esta obra, mas por muitas maneiras trabalham cerrar as portas todas á salvação do Gentio.

O padre Navarro(1988), em carta de 1550, também faz referência ao comportamento “impróprio” dos brancos cristãos, os quais não valorizavam os ensinamentos religiosos. E para lhes ensinar a doutrina (e também aos seus filhos e grande número de escravos), durante a semana visitava as aldeias e, nos fins de semana, dedicava-se às missas e procissões, ordenando que os senhores levassem consigo os filhos e os escravos e, os que tinham escravas como concubinas, com elas se casassem. Problemas apresentados pelos cristãos, conforme os relatados, levaram os padres a, em determinados períodos, suspenderem as prédicas e confissões por não observarem mudanças nos comportamentos. Os brancos e índios não demonstravam pudor ou respeito pela lei de Deus, seguindo apenas as orientações do diabo. Isso foi relatado à Coroa, em 1558, conforme indicou o padre Blasquez:

Fraqueza e habito que têm já nos vícios, mui pouco fructo vemos, nem o podemos ver, lhes temos fechadas as confissões por não encontrar por acaso um capaz de absolvição, porque todos têm negocio com que

estão em peccado [...] mas como acham elles outros Padres que têm maiores bullas que nós, para elles se vai toda a gente; [...] Estava toda esta terra até agora mais perdida assim no ecclesiastico como no secular e mais senhoreada dos vícios e creio não se achará outra de tamanho em todo o mundo. (BLASQUEZ:1988, p. 211)

O índio, cujas expressões culturais nativas (como a dança, a música, a pintura em seus corpos), acrescidas da resistência e não aceitação do modelo de vida português e da doutrina cristã, eram, pelos jesuítas, relacionadas à influência do diabo. Indicavam, acima de tudo, de que nesse mundo – o do índio – o diabo era o senhor.

4.3 A mulher

A mulher é indicada nas Cartas jesuíticas como fraca e a mais propensa a sofrer a influência do Diabo. Por ser considerada, então, mais fraca, supõe-se que a doutrina que as livraria desse mal tivesse que ser freqüente e a mais importante. No entanto, os relatos dão a entender que estão sempre em segundo plano e ocupam, naquela sociedade, um papel secundário.

Em Carta de Antonio Rodrigues, de 1561, ele relata o cotidiano da comunidade do padre Gaspar Lourenço, em treze ou quatorze aldeias que formavam uma povoação. Descreve que, certo dia, iam os escravos, homens e mulheres, para a doutrina, mas o padre dispensara as mulheres: “disse-lhes que se fossem com a paz de Deus, que aquelle tempo não era para ellas, sinão para os moços” (RODRIGUES:1988, p. 326).

A população masculina, composta de homens livres e escravos, tinha prioridade nas atividades religiosas. Isso aparece em outras Cartas, como na do padre Ruy Pereira (1988, p.314), de 1561, enviada de Pernambuco. Nessa Carta, ele diz que, aos domingos e dias santos, a igreja é tão cheia que apenas cabem os machos. Em outra Carta, de 1560, esse padre diz que, nas “procissões havia muito concurso de gente, e vindo á igreja se saham as mulheres, e se começava uma rija disciplina, ás portas fechadas”, (PEREIRA, 1988, p. 288). Algumas atividades eram realizadas somente para os homens, havendo períodos de doutrina para as mulheres solteiras, casadas, brancas e índias, todas juntas.

O padre Antonio Pires (1988) descreve a volta do padre Luiz da Grã à capitania da Bahia. Conta que lá, encontrara tudo fora de seu lugar: a doutrina, as celebrações e outras atividades que vinham se desenvolvendo quando o padre Nóbrega estava naquele lugar. O padre Pires dera ordem para que trouxessem a escravaria para aprender a doutrina na igreja, lugar onde os ensinava na língua nativa e no português. Segundo contou, ainda, lá foram “muitas mulheres que folgavam de saber cousa que nunca lhes foi ensinada” (1988, p.302). Ensinar na língua nativa também foi estratégia do padre Navarro (1998, p. 76): “na língua d’elles, para a qual traduzi a criação do mundo e a encarnação e os demais artigos da Fé e mandamentos da Lei e ainda outras orações, especialmente o Padre Nosso, as quaes orações de continuo lhes ensino em sua língua e na nossa”.

O padre Navarro(1988) descreve, em carta da Bahia, de 1550, que naquela capitania o trabalho resultava positivo, pois, à noite, os índios solteiros e moças estavam separados e, os casados, cada qual com sua mulher. Dizia que isso só

estava sendo possível porque o irmão Vicente cuidava para que não desobedecessem. É como se os jesuítas, em nome da moral religiosa, exercessem o controle social, a um estilo “policial”, para manter as regras sociais.

A mulher índia passou a realizar, sob a vigilância dos padres, tarefas antes coletivas, como cuidar das crianças, da alimentação, da casa e da rotina de orações dela própria e dos demais membros da família. Nesta mesma Carta, há um trecho dizendo o quanto a igreja vem conseguindo êxito com elas, as índias, na realização destas tarefas diárias e que até os homens estavam trabalhando, seguindo esse exemplo: “empregando o dia a trabalharem toda a semana (o que dantes só as mulheres faziam) e abstendo-se, aos domingos...” (NAVARRO:1988., p. 76).

No entanto, a mulher como “portadora do mal”, ou como capaz de levar a ele, é enfatizada, nas Cartas, como as pessoas a quem os padres devem prestar muita atenção para evitar serem surpreendidos pela presença do “inimigo”. Nesse sentido, referem-se a cerimônias indígenas, nas quais descrevem as mulheres desempenhando papel importante para sua realização: dançando, cantando ou cozinhando. Algumas dessas cerimônias serviam para comemorar a captura de inimigos nas guerras. Nelas havia a prática da antropofagia e, enquanto os corpos eram cozidos nos caldeirões, as mulheres dançavam ao redor com grande euforia, gritando e cantando com tochas acesas nas mãos, parecendo demônios no inferno (Navarro:1988, p.78).

O padre Antônio Blasquez, em carta da Bahia, de 1557, relata uma cerimônia semelhante, na qual as mulheres saem de dentro de casas afumadas e fedorentas, nuas, cantando e dançando a seu modo e fazendo uma grande

gritaria. Estavam com o corpo coberto por penas vermelhas e traziam, na cabeça, uma carocha de penas amarelas. Vinham com uma espada enfeitada com búzios e tocavam umas flautas que foram feitas da canela de seus inimigos mortos. As mulheres, chamadas de diabas pelo padre, eram, para ele, o caminho mais fácil de o diabo enfeitiçar a todos. Podia fazer uso delas, por serem mais fracas às tentações (BLASQUEZ:1988, p.210).

A bigamia, uma contrariedade aos preceitos jesuíticos, também era relacionada a influência do diabo sobre a mulher. Nessa mesma Carta, o padre Blasquez(1988, p.210) relata o caso de um índio que deixara sua mulher com quem tinha muitos filhos, indo morar com outra. Conta que, mesmo “repreendido não desistiu: sucedeu adoecer a manceba e morrer de morte súbita e muito espantosa a todos, porque morreu inchada, cousa que mettia medo”. A punição ao índio pecador, segundo o jesuíta, ocorreu quando Deus enviara a mulher ao inferno. Aproveitando-se dessa situação, segundo a Carta, o padre fizera uma grande prédica em relação à fidelidade no casamento, o que deixara os índios receosos, acreditando que a morte da mulher fora “providencial”.

É corrente, nas Cartas, a idéia de as mulheres serem muito ligadas às questões sexuais e serem o objeto de ligação entre o mundo das trevas e a realidade. No Antigo Testamento, no Livro de Eclesiastes, há referência de que mulher é toda malícia, e toda malícia é leve comparada a malícia de uma mulher e que a sorte dos pecadores caía sobre ela:

“Eu encontrei uma coisa que é a mais amarga do que a morte – um certo tipo de mulher. O amor que ela oferece é uma armadilha ou uma rede para pegar você; os seus braços são correntes para prendê-lo. O homem que agrada a Deus consegue fugir dela, mas o pecador, não

[...] Entre mil homens encontrei um que eu poderia respeitar, mas entre as mulheres não achei nem uma” (Capítulo 7: 25-26)

Historicamente, em períodos anteriores ao período da colonização brasileira e, no decorrer dessa, a mulher fora perseguida e responsabilizada por diversos fatos que a ciência religiosa classificava como a ação do diabo sobre ela. Esses acontecimentos eram de origem variada, podiam se resumir à participação muito ativa de uma mulher na sua comunidade, ou no fato dela conhecer chás e outras formas de curar enfermidades que não fossem as orações cristãs, dar a luz a crianças defeituosas ou mesmo negar a vida religiosa e o casamento. Ações como as dos exemplos citados significavam que, ou o diabo estava em seu corpo, ou soprando em seus ouvidos.

As mulheres podiam também ser acusadas de acasalar com o diabo, seja por incubo¹⁸ ou súcubo¹⁹. Mas, quando essa questão era levantada pela igreja, o pai não era o diabo, mas sim o homem que teve sua semente substituída. Então, a mulher era acusada de manter, mentalmente, uma relação matrimonial infiel, traindo seu marido e a humanidade com o diabo.

Na mesma Carta de Basquez, já referida, há um caso de uma índia que fora criada na casa de uma cristã muito honrada e, ensinada pelo Espírito Santo, propôs-se a permanecer virgem mas,

“o Demônio, inimigo da salvação dos homens, não podendo sofrer fazer-se tão grande deshonra em terra onde elle é tão honrado,

¹⁸ Incubo – que se deita por cima, como homem na cópula, segundo dicionarista, Moraes Silva.

¹⁹ Súcubo – o que fica por baixo na cópula carnal, os que fazem as vezes de mulher em tais atos, segundo dicionarista, Moraes Silva.

trabalhou que ella tivesse amos que a tirassem de tal propósito, e creio que assim fora si o Senhor não a prevenira antes com sua Graça, ornando-a de uma grande fortaleza para que pudesse resistir e vencer ao Demônio de uns não bons homens, por meio dos quaes lhe queria roubar a jóia da castidade” (BLASQUEZ, 1988, p. 216).

A vinculação da mulher ao Demônio, como também cita Delumeau(1990), é situação comum, seja em relação à sensualidade, às questões sexuais, feitiçarias e bruxarias.

4.4 Os feitiçeiros

As histórias sobre atividades diabólicas foram, no século XVI, relacionadas às atividades políticas ou religiosas (dos protestantes, feitiçeiros, bruxas e mandalas) que contrariavam os preceitos da igreja católica.

Esses costumes foram trazidos pelos padres jesuítas para o Brasil colônia. Imbuídos do senso de “zelar pela salvação das almas”, observavam as expressões culturais indígenas, como as danças, cantos, vestimentas, ou a falta delas, os rituais de cura através de cerimônias que podiam servir, também para pedir a chuva ou o sol, sorte ou agouro, como manifestações demoníacas.

Nas Cartas jesuíticas, os pajés ou feitiçeiros aparecem como curandeiros e líderes espirituais das aldeias e são eles grande empecilho no trabalho catequético, pois incentivavam o descrédito dos índios aos preceitos cristãos.

Os padres descrevem como era o trabalho e a participação desse personagem, o pajé, no processo de colonização e catequese. Na maioria das

vezes, esses líderes, ou auxiliavam no processo catequético, ou fugiam para outras aldeias menos visitadas pelas missões, mas não abandonavam os seus costumes totalmente, o que era uma sombra no trabalho jesuítico.

O padre Antonio Pires em carta de Pernambuco, de 1551, faz o seguinte relato:

Mas satanás que nesta terra tanto reina, ordenou e ensinou aos feiticeiros muitas mentiras e enganos para impedir o bem das almas, dizendo que com a doutrina que lhes ensinávamos os trazíamos à morte. E si algum adoecia, diziam-lhe que tinha anzóes no corpo, facas ou tesouras, que lhe causavam aquella dôr; e fingiam que lh'as tiravam do corpo com suas feitiçarias. Estas e outras muitas manhas sói usar em esta sua geração, em a qual tanto há que reina, temendo ser despojado de sua tirania (PIRES, 1988, p. 104)

Na mesma Carta, refere-se à cura de doentes e ao descrédito dos feiticeiros em relação às orações de cura dos jesuítas dizendo que eles traziam apenas a morte, tal qual mostrou outro trecho já apresentado.

Vê-se também que o objetivo dos padres jesuítas é extinguir, gradualmente, a crença nesses feiticeiros e bruxos, os quais eram impedidos de realizar suas práticas e punidos, severamente, quando descobertos os rituais. Empenhados na extinção da cultura indígena, os jesuítas recorreram à catequese das crianças, principalmente aos meninos, por considerá-los mais maleáveis à aceitação dos novos ensinamentos.

Nas Letras Quadrimestres (1988, p. 186), escrita de Salvador, em 1556, há a seguinte referência:

...as aldeias regem-se cá pelas velhas feiticeiras e com ellas se toma o conselho da guerra, e si ellas se toma o conselho da

guerra, e si ellas quizessem persuadir ao mais a que viessem á doutrina, sem duvida que se fizera mais proveito e hovera mais número de Indios; mas é tudo pelo contrario, que totalmente estrovam a que não ouçam a doutrina e sigam nossos costumes, e por isso se tem cá por averiguado que trabalhar com ellas é quasi em vão, não deixando todavia de se occuparem com as novas plantas, scilicet: com os Indiosinhos, os quaes em principio vieram á escola [...]

É possível supor que a participação das feiticeiras ou feiticeiros no cotidiano dos aldeamentos era muito grande, tanto em relação à aceitação, ou não, da doutrina cristã, como também em relação às curas e outros ritos desempenhados por eles. Não aparecem muitos relatos constando que esses feiticeiros fizessem poções mágicas ou cultos de adoração a outros deuses, fatos possíveis de serem encontrados com muito mais frequência em relatos sobre feitiçaria no medievo europeu.

O padre Nóbrega, em carta de 1549, relata uma cerimônia interessante, na qual, além da adoração a um objeto, manifestação não relatada por outros padres, ainda menciona à presença feminina que, ao que parece, é a personificação do demônio:

[...]esta gentildade nenhuma cousa adora, nem conhece a Deus; sómente aos trovões chama Tupane, que é com quem diz cousa divina. E assim nós não temos outro vocabulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhes Pae Tupane. Somente entre elles se fazem uma cerimonia de maneira seguinte: de certos em certos annos vêm uns feiticeiros de mui longes terras, fingindo trazer santidade e ao tempo de sua vinda lhes mandam limpar os caminhos e vão recebê-los com dansas e festas, segundo seu costume; e antes que cheguem ao logar andam as mulheres de duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos umas ás outras, e pedindo perdão delas. Em chegando o feiticeiro com muita festa ao logar, entra em uma casa escura e põe uma cabaça, que traz

em figura humana, em parte mais conveniente para seus enganos e mudando sua propria voz em a de menino junto da cabaça, lhes diz que não curem de trabalhar, nem vão a roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si virá a casa, e que as enxadas irão a cavar e as frechas irão ao matto por caça para seu senhor e que hão de matar muitos dos seus contrários [...] promete-lhes larga vida, e que as velhas hão de se tornar moças, e as filhas que as deem a quem quizerem e outras cousas semelhantes lhes diz e promete, com que os engana, de maneira que creem haver dentro da cabaça alguma cousa santa e divina, que lhes diz aquellas cousas, as quaes crêm. Acabando de fallar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem demoninhadas (como de certo o são), deitando-se em terra, e escumando pelas bocas, e nisto lhes persuade o feiticeiro que então lhes entra a santidade; e a quem isto não faz tem-lh'o a mal. Depois lhe oferecem muitas cousas e em as enfermidades dos Gentios usam também estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias. Estes são os môres contrarios que cá temos e fazem crer algumas vezes aos doentes que nós outros lhes mettemos em corpo facas, tesouras e cousas semelhantes e que com isto os matamos (NOBREGA, 1988, p. 99-100).

Nesse trecho, da Carta do padre Nóbrega, encontramos as compreensões que os jesuítas tinham sobre as práticas de feitiçaria, próprias da cultura indígena. Evidencia-se o seu papel e a sua influência nessa comunidade. Muitas descrições sobre os feiticeiros ou bruxas são referendadas nas cartas de outros padres e jesuítas. Mas, o uso da cabaça em forma de rosto humano restringe-se a essa cerimônia descrita pelo padre Nóbrega. Os demais padres relatam, com mais freqüência, a influência dos pajés e o descrédito dos índios em relação à doutrina católica, pregada pelos jesuítas.

Nesta mesma Carta, Nóbrega diz que, certa vez, procurara um feiticeiro que era tido como o mais poderoso de todos. Ele era o que, com mais freqüência, era chamado para curar as enfermidades. Para saber se ele, nas suas práticas, invocava a Deus ou ao diabo, tendo ouvido do feiticeiro que ele se considerava o próprio Deus; tinha nascido Deus e que aquele Deus do céu era seu amigo e lhe

aparecia com freqüência nas nuvens, no trovão, no raio e em outras manifestações da natureza, ao que Nóbrega classifica tal relato como blasfêmia e ignorância.

Como as práticas dos feiticeiros se colocavam contrárias às finalidades catequéticas, os jesuítas argumentavam que tais práticas, por não serem inspiradas no mesmo Deus difundido pelo catolicismo, eram inspiradas pelo diabo, que mesmo sem a consciência do feiticeiro, lhe estavam sendo “sopradas” nos seus ouvidos ou apossando-se de seus corpos durante as cerimônias.

Também o padre Navarro, em carta de 1551, relata as resistências e enfrentamentos dos feiticeiros em relação à pregação jesuítica, destacando que, certa ocasião, estava a pregar e, conforme se referia às leis do Senhor, um feiticeiro o ia contradizendo e alegando que suas palavras levariam todos à morte. Situações dessa natureza reforçam o costume dos jesuítas de afirmarem que o demônio usa os feiticeiros contra a doutrina cristã para impedir o triunfo de Deus nessas terras que, segundo os jesuítas, era povoada por “gente indisposta e incapaz para receber a fé” (1988, p. 96).

Assim, segundo a crença dos jesuítas, o diabo tem os feiticeiros como seus porta-vozes oficiais, ainda que, astutamente, ele recorra a outros recursos para persuadir o homem ao mal. Consideravam os feiticeiros como o grande impedimento ao avanço da dominação sobre os povos nativos no processo de colonização e imposição da fé cristã hegemônica na sociedade européia da época.

A tentativa de impor o cristianismo de forma incisiva encontrava, nas práticas de feitiçaria, um forte foco de resistência ao abandono dos costumes e

hábitos próprios da cultura local, para aderir à nova orientação espiritual que se tentava impor, não só por práticas de persuasão mas, também, por meio de práticas repressivas, tais como proibições e punições.

A resistência à aceitação da nova fé e suas práticas e rituais encontrou nas representações do diabo próprias da época, a perfeita justificação para dar destaque às promessas de salvação e capacidade de afastar o diabo (ou o mal). Assim, respaldados ideologicamente, os jesuítas utilizavam argumentos para descaracterizar e desacreditar os pajés – atribuindo suas práticas a manifestações diabólicas incapazes de combater os males que os acometiam, pois não conheciam o único Deus capaz de fazê-lo.

CONCLUSÃO

O Brasil, na segunda metade do século XVI, iniciava a construção de uma sociedade segundo o modelo europeu, lugar de onde provinham os colonizadores. Para esse empreendimento, as leis para a “boa convivência” eram impostas aos nativos, segundo as necessidades dos colonizadores: para domínio das condições naturais, controle dos europeus a serviço da colonização ou dos próprios nativos.

O modelo de organização social e a cultura dos grupos indígenas eram impedimentos ao que se poderia chamar de colonização pacífica, pois os portugueses, não reconhecendo como corretas e “civilizadas” certas práticas que aqui encontraram, tais como a nudez, as casas coletivas, a bigamia, a forma de educação dos filhos, as crenças e cultos entre outras, procuraram impor os costumes europeus, pelo uso de práticas agressivas e de enfrentamento.

A coalizão existente entre Estado e igreja na sociedade europeia, do século do descobrimento para cá, estendeu-se com a vinda dos jesuítas, grandes colaboradores no processo de colonização. O diabo, personagem que povoava o imaginário e as práticas religiosas europeias, foi aqui utilizado como instrumento não só religioso como também político, no controle social sobre a população.

Esse diabo, proveniente da religiosidade hebraica, construído e incorporado à vida cotidiana por meio do processo de aprendizagem dessa vida cotidiana, é

apresentado, ora como figura humana, ora como figura monstruosa, ora se apossando do corpo humano e ora induzindo os homens a praticar atos considerados, pelo catolicismo, como pecados.

Na pesquisa documental que realizamos neste trabalho, buscamos informações sobre a igreja católica quanto aos aspectos históricos, hierárquicos, posição ocupada na sociedade e alianças realizadas para expansão da doutrina, domínio e controle da sociedade. Transportado para cá, foi esse modelo que, mediante pactos com a Coroa portuguesa, com o governador Geral do Brasil, com donatários das Capitanias, com os senhores de engenho e senhores de escravos tornou possível o trabalho catequético e difusão do catolicismo.

No processo colonizador, o diabo, presente nos discursos jesuíticos e relatados nas Cartas que os jesuítas trocavam entre si ou enviavam à Coroa portuguesa, é personagem que, se não central, ocupa posição relevante. Ele aparece sempre ligado às referências de bigamia, antropofagia, feitiçaria ou como um grande inimigo à implantação da ordem social determinada pela Coroa, impedindo-a, dificultando-a ou prejudicando-a.

As manifestações culturais dos índios, como as danças, as músicas, os batuques, os guizos e as vestimentas são, nas Cartas e prédicas, freqüentemente descritas como influenciadas pelo diabo, o qual cria situações para se manifestar e dominar o povo inculto, o que se caracteriza, segundo o que se pôde apreender da leitura da documentação a qual tivemos como fonte de pesquisa, que o diabo consistiu no principal empecilho ao trabalho catequético e colonizador.

Personagem misterioso e astucioso, embora não fizesse parte da cultura indígena, foi um álibi sustentado pelos jesuítas, para conseguir sobrepor a fé cristã

à religiosidade nativa e também junto à população europeia que para cá veio no processo de colonização.

Os cristãos lutavam contra o representante do mal de duas formas: procurando eliminar tudo o que consideravam ser “viver na escuridão”, como bigamia, antropofagia, desobediência às leis e facilitar tudo o que possibilitasse se aproximar da luz, do verdadeiro Deus, como orar, tomar parte nas cerimônias religiosas, contribuir com o trabalho catequético, fosse materialmente ou espiritualmente.

A noção de diabo que aqui aportou com os portugueses, tendo nos jesuítas os principais difusores, aparece nas Cartas Jesuíticas como personagem a quem o povo deve conhecer, devido aos perigos que ele representa. A crença “sincera” dos religiosos colonizadores no diabo, com suas diferentes denominações, como um perigo avassalador, justificava toda sorte de práticas para combatê-lo, mesmo que isso significasse punir com a morte aqueles a quem fosse considerado, mesmo contra a própria vontade, ser portador das mensagens malignas.

Dessa forma, o diabo foi utilizado como instrumento de coerção, não só pelos jesuítas do século XVI, mas também em períodos anteriores e, no Brasil, descontados os possíveis exageros de nossa interpretação, pode-se dizer que ele representou um expoente da religiosidade difundida pelos jesuítas, e permanece até os dias atuais incorporado à cultura brasileira, alterando-se e adaptando-se às singularidades de cada período e lugar, sem perder, no entanto, a característica coercitiva e modeladora de comportamentos de que, tal qual um alibi, foi e continua sendo largamente explorada por aqueles que têm interesse em exercer o controle no cotidiano de pessoas e grupos sociais.

BIBLIOGRAFIA

AB'S SABER, Aziz N. **A época colonial**: v. 2: administração, economia, sociedade. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus contra os pagãos** (parte I e II). Trad. de Civitate Dei. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

ANCHIETA, José de. **Informação do Brasil e de suas capitanias**: 1584. São Paulo: Obelisco, 1964.

ARROYO, Leonardo. **A carta de Pêro Vaz de Caminha**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BLASQUEZ, Antonio. Carta que o irmão Antonio Blasquez escreveu da Bahia de Salvador, das partes do Brasil, o anno de 1558, a nosso Padre Geral. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.215.

BLASQUEZ, Antonio. Summa de algumas cousas que iam em a Não que se perdeu do Bispo pêra o nosso Padre Ignacio. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.199.

BLASQUEZ, Antonio. Cópia que o irmão Antonio Blasquez escreveu da Bahia de Salvador a 10 de setembro de 1559 para o Padre Geral. In: NAVARRO, Azpilcueta

et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.250.

BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na linguagem de hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BUENO, Eduardo. **A Viagem do descobrimento**: a verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1996.

CHANDEIGNE, Maria. **Lisboa ultramarina**: 1415 -1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

CAMPOS, Flávio de. **História Ibérica**: apogeu e declínio. São Paulo: Contexto, 1991.

DICIONÁRIO PATRÍSTICO e de Antiguidades Cristãs/Tradução de Cristina Andrade; organizado por Ângelo Di Berardino – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente**. Companhia das Letras: 1990.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1994.

FRANCO Jr., Hilário. **Idade Média**: nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GANSHOF, François Louis. **O que é feudalismo?**. Lisboa: Europa-América. 1976.

GINSBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOFF, Jacques Le. **A civilização do ocidente medieval**. v. II. Lisboa: Estampa, 1994.

GONÇALVES, Antonio. Carta do Padre Antonio Gançalves, da casa de S. Pedro do Porto Seguro do Brasil, pêra o Padre Diogo Mirão, Provincial de Portugal, escipta a 15 de fevereiro de 1566. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.503.

HERSON, Bella. **Cristão-Novos e seus descendentes na medicina brasileira**: 1500 - 1850. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visões do paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. Sérgio Buarque de. **O extremo oeste**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

IGLÉSIAS, Francisco. **História geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da idade média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LETTRAS Quadrimestres de setembro de 1556 a janeiro, do Brasil, da Bahia do Salvador, para nosso Padre Ignácio. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 182-189.

MICELI, Paulo. **O feudalismo**. São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas,1998.

MONTEIRO, John. **Os negros da terra – Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras,1994.

NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550-1568.Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

NEVES, Ana Maria Bergamin e HUNBERG, Flavia Ricca. **Os povos da américa: dos primeiros habitantes as primeiras civilizações urbanas. São Paulo:Atual,1998.**

NOBREGA, Manoel. **Cartas do Brasil**: 1549-1600. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Cartas Jesuíticas, v. 1).

NOGUEIRA, Carlos Roberto. **O Diabo no imaginário cristão**. São Paulo: EDUSC, 2000.

NUNES, Leonardo. Outra do Padre Leonardo Nunes do Porto de São Vicente do anno de 1550. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo

Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p.86-87.

PEREIRA, Ruy. Carta do padre Ruy Pereira aos padres e irmãos da Companhia da Província de Portugal, da Bahia a 15 de setembro de 1560. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.281-299.

PEREIRA, Ruy, Carta que escreveu o Padre Ruy Pereira do Brasil para os Padres e Irmãos da Companhia em Portugal no ano de 1561, a 6 de Abril, que foi dia da Paschoa. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.308.

PIERSON, Donald. **Teoria e pesquisa em sociologia**. 11.ed. revista e ampliada. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

PIRES, Antonio. Carta que o Padre Antonio Pires escreveu do Brasil, da capitania de Pernambuco, aos irmãos da Companhia, de 2 de Agosto de 1551. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.102.

_____, Antonio. Carta que o Padre Antonio Pires, do Brasil para os padres e irmãos da Companhia de Jesus em mez de outubro de 1560. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.302.

PIRES, Francisco. Translado de alguns capítulos de cartas do Padre Francisco Pires, que hão vindo do Espírito Santo. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 220.

_____, Francisco. Carta do Padre Francisco Pires para os Irmãos de Portugal. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 154.

PREZIA, Benedito e HOORNAERT, Eduardo. **Esta terra tinha dono**. São Paulo: FTD, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÁ, Antonio de. Cópia de uma carta de Irmão Antonio de Sá que escreveu aos irmãos, do Espírito Santo a 13 de junho de 1559. In: NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas**: 1550 -1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.244.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **Pindorama revisitada**: cultura e sociedade em tempos de virada. São Paulo: Petrópolis, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Confissões da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.